

Militia Sanctae Mariae



Regra

Dos Cavaleiros de Santa Maria

MILITIA SANCTAE MARIAE

Advertência

Na sequência de uma decisão do XV Capítulo Geral, reunido em Chartres, em 12 de Agosto de 1972, precisa-se que a expressão “Ordem dos Cavaleiros” tal como é usada na Regra e em diversos documentos da Militia Sanctae Mariae é a tradução historicamente recebida do latim Militia.

Contudo, a palavra “Ordem” não deve ser entendida no sentido canónico de ordem religiosa nem de ordem de cavalaria segundo a definição admitida pela Santa Sé Apostólica para Ordem soberana, militar e hospitaleira de São João de Jerusalém, dita de Rodes, dita de Malta e para a Ordem equestre do Santo Sepulcro.

A palavra “Ordem”, em diferentes línguas nacionais é susceptível de acepções diferentes não canónicas em uso na sociedade civil tal como Ordem dos Advogados. Designa assim um corpo de membros, em virtude de regras morais estritas, estão constituídas num estado que os ordena para o Bem comum da sociedade humana. Na Idade Média, a cavalaria, isto é, o conjunto dos cristãos que tinham sido armados cavaleiros, formavam uma Ordem que se inclui nesta definição.

Mutatis mutandis, a Militia Sanctae Mariae usa a palavra “Ordem” atribuindo-lhe o significado não canónico de companhia Cavaleiros regulada por uma Regra e organicamente ordenada para os fins tradicionais da Ordem de Cavalaria: servir a Fé, defender a Igreja, promover a cristandade e a Paz.

(Publicado por ordem do Magistério)

In Nomine Domini Nostri Jesu Christi,
AMEN!



REGRA
DOS CAVALEIROS DE SANTA MARIA

Tradução Portuguesa
Braga - 1979

TRADUÇÃO

Dez anos depois de se ter publicado em francês, com a aprovação de Sua Excelência Dom Rogério Michon, Bispo de Chartres, a Regra dos Cavaleiros de Santa Maria, aparece por sua vez em português. Sob o signo de Cavalaria Mariana, um novo elo se estabeleceu entre dois Reinos de Maria, já unidos há séculos por gestas dos seus monges e dos seus cavaleiros. De S. Geraldo de Moissac, ilustrando no Século XII a Sé Primacial de Braga até sua Ex.cia o Senhor D. Francisco Maria da Silva, seu digno sucessor e como ele defensor intrépido do Portugal católico, erigindo a ordem dos cavaleiros de Santa Maria na Capela de S. Geraldo, um mesmo ideal, une os cavaleiros do ano 1.000 aos do ano 2.000: o Reino de Cristo por Maria.

Agradecemos ao actual Arcebispo Primaz, sua Ex.cia Rev.ma o Senhor D. Eurico Dias Nogueira, que se tem dignado manifestar a sua amizade para com a Militia Sanctae Mariae, e para com os seus primeiros cavaleiros portugueses.

Chartres, 11 de agosto de 1979

Fr. Gerard Lafond, O.S.B.

PRÓLOGO

1. *Cristão que te preparas para ler esta Regra, liberta por um instante o teu espírito das preocupações terrestres, e mergulha o teu olhar no mistério de Deus. É nas perspectivas divinas, que és convidado a escolher um novo género de vida, caracterizado pela fidelidade absoluta ao Senhor. Porque este livro não interessa somente à tua inteligência, mas também à tua vontade, o teu corpo, os teus actos. Se aceitas o programa que ele te propõe, ser-te-á preciso tornar-te um outro homem, um cavaleiro pronto a sustentar duros combates pela honra de Deus, decidido a construir um mundo cristão conforme ao desígnio divino. Se temes o esforço e procuras a tua própria tranquilidade, se aceitas sem revolta o reino da mediocridade, da hipocrisia e do vício, este livro não é para ti: fecha-o e continua na tua falsa paz.*

Se não, recolhe-te, e escuta.

2. Cristo Jesus, Verbo eterno de Deus, o primogênito de todas as criaturas¹, foi ungido Rei sobre tudo o que existe. Nada escapa ao seu império; tudo vem d'Ele, tudo volta a Ele, tudo é para Ele. É o alfa e ômega, o começo e o fim² de todas as coisas.

O Universo criado por Deus é um todo harmonioso ordenado para a glória de Cristo-Rei, e, por Cristo, para o louvor da Santíssima e indivisível Trindade. A criação é luz, ordem e hierarquia.

Só o pecado, por misteriosa permissão divina, afecta esta harmonia, perturba esta ordem, obscurece por algum tempo esta claridade. As potestades do mal arrastaram na sua revolta uma parte do mundo visível, e este mundo geme nas trevas que jamais ilumina o Sol da Justiça.

Mas o Verbo encarnado, nascido de Maria Imaculada, morto sobre a Cruz e ressuscitado para nos dar a vida, infligiu ao dragão o golpe fatal. O mundo tornou-se um imenso campo de batalha que os filhos da Jerusalém Celeste, sustentados pelas milícias sagradas de Arcanjo Miguel, disputam às cortes infernais. Quando os fiéis da Igreja, sob o influxo da graça divina fazem penitência, derramam as suas orações e testemunham até o sangue, o Espírito comunica-se, as forças do caos recuam, o exército angélico destrona as hierarquias infiéis, a verdade triunfa. Quando os fiéis se descuidam e perdem o seu fervor; Deus permite uma nova ofensiva das Potestades das Trevas; povos inteiros são arrancados à Igreja ou subtraídos à influência do Evangelho, e entregues à escravatura de Satanás.

3. Neste combate sem trégua nem descanso, vais ficar inerte correndo o risco de te deixares também tu, submergir pelas trevas? A vitória está ao teu alcance; o Senhor te diz: *tende confiança, Eu venci o mundo*³; e: *a vitória que venceu o mundo é a nossa Fé*⁴.

¹ Col. I,15.

² Apoc. XXII,13.

³ Jo. XVI,33

⁴ I Jo. V,4

Já que Cristo nosso Rei te escolheu, afasta para longe de ti toda a indolência ou tibieza, toda a apatia ou compromisso, lembrando-te que o Senhor *vomita os túbios*⁵. Prepara-te pelo contrário a lutar virilmente, segundo o preceito do Apóstolo: *tomai, portanto, a armadura de Deus para que possais resistir no dia mau, e ficar de pé*⁶. E mais do que o inimigo já vencido, teme por ti esta condenação infamante: *Maldito o que faz com moleza a obra do Senhor! Maldito o que recusa o sangue à sua espada!*⁷

4. Sabe que a espada não é um símbolo vã; a que a Igreja benze e dá ao Cavaleiro significa uma missão especial no seio imenso do exército de Deus, e a graça de estado para a cumprir. Esta missão consiste em *alargar cá em baixo as fronteiras do Reino de Deus*⁸, em derrubar a falsa ordem luciferina do mundo para construir sobre as suas ruínas uma sociedade humana submetida à realeza de Cristo e propícia à salvação eterna do maior número.

Porque a *nação e o reino que não servirão Cristo, peresserão e serão totalmente exterminadas*⁹, enquanto que a *glória temporal da cidade terrestre consolida os bens celestes em vez de os destruir, contanto que vejamos nela uma imagem certa da nossa Mãe que está no Céu*¹⁰.

5. Escuta as palavras de tua Mãe a Igreja; elas te indicam a via heróica do cavaleiro:

Toma esta Espada:

Exerce com ela o vigor da justiça,

Abate com ela o poder da injustiça;

Defende com ela a Igreja de Deus e os seus fiéis,

Dispersa com ela os inimigos de Cristo.

O que foi humilhado, levanta-o;

O que tiveres levantado, conserva-o.

O que é injusto cá em baixo, abate-o,

O que está segundo a ordem, fortifica-o.

É assim que, glorioso e altivo do único triunfo das virtudes,

Magnífico no culto da justiça,

Tu atingarás o Reino do Altíssimo,

Onde, com Cristo a quem te assemelhas,

*Tu reinarás eternamente*¹¹.

6. Sem confusão de poderes, a cavalaria restabelece um elo entre a cidade terrestre e a cidade celeste. Como a Espada flamejante do querubim à entrada do

⁵ Apoc. III, 16

⁶ Ef. VI, 13

⁷ Jer. XLVIII, 10

⁸ Léon GAUTIER “La Chevalerie” conclusão

⁹ Is. LXII, 12 – Ofício de Cristo-Rei

¹⁰ S. Bernardo “De Laude Novae Militiae” III, 6

¹¹ Rituel de sacre et d’adoubement, IX s.

Paraíso¹², a Espada cavaleiresca protege a cristandade, contra as intrusões do mundo profano. A cavalaria é templo interior e fortaleza exterior: opõe ao desfraldamento das forças luciferinas a muralha inexpugnável duma fidelidade sem quebras. É uma Força ao Serviço do Direito, *para proteger* tão belas e santas coisas de Deus quis que *estivessem por trás da beleza e da santidade da Espada*¹³. *O mundo inteiro está mergulhado no maligno*¹⁴: com a espada da cavaleiresca, tu recibes a missão de graça para arrancar ao Diabo a cidade terrestre.

7. O heroísmo cristão que está na base da cavalaria constitui uma mudança radical dos valores profanos: à exaltação de si que pretende atingir o absoluto, opõe-se ao abaixamento de Deus feito homem; à vontade de poder, à humildade; à força deificada, à onipotência da Cruz¹⁵. E é também ao cavaleiro cristão que se dirige esta palavra do Senhor: *Basta-te a Minha graça, porque é na fraqueza que a Minha força se revela totalmente*¹⁶. Com efeito, o que é fraco segundo o mundo, é que Deus escolheu para confundir o forte¹⁷.

8. Uma missão tão sublime, não a podes cumprir sem uma conversão total de todo o teu ser a Deus. Travarás o combate espiritual ao mesmo tempo temporal. Não terás outra ambição que a de servir o teu Rei, Cristo, com fidelidade e docilidade. Não recuarás perante nenhum esforço para atingir este fim; deverás quebrar-te, sufocar o teu orgulho, desprezar a tua vida neste mundo; na escola de Maria, Nossa Senhora, procurarás a humildade, o apagamento voluntário, o abandono total por generosidade de amor, até ao sacrifício. Rejeitarás com horror o espírito do mundo para adquirir uma sabedoria puramente sobrenatural. Reconhecerás em todas as coisas visíveis uma epifania das invisíveis, e trabalharás para dar aos homens teus irmãos o sentido do sagrado. Procederás de tal modo que a natureza, a família, o trabalho, a ciência, a arte, a própria organização política, voltem a ser para todos transparentes em relação ao divino e portadores de graça.

9. No meio do combate, lembra-te do grito do Profeta: *Maldito o homem que confia no homem*¹⁸, e põe a tua confiança somente em Deus; porque está escrito: *A vitória na guerra não está na multidão dos combatentes, é do céu que vem a força*¹⁹; e ainda: *Equipa-se o cavalo para o dia do combate, mas do Senhor depende a vitória*²⁰. Além disso, *mortos ou vivos, nós pertencemos ao Senhor*²¹, e a derrota segundo a carne é vitória segundo o espírito.

Se souberes combater virilmente, merecerás ouvir aplicar-se-te as palavras sagradas: *Por ti serão reconstruídas as ruínas antigas, levantarás os alicerces das*

¹² Gen. III, 24

¹³ Louis VEUILLOT

¹⁴ I Jo. V, 19

¹⁵ Príncipes pour une Charte de La Chevalerie, art. 2, a

¹⁶ II Cor. XII, 9

¹⁷ I Cor. I, 27

¹⁸ Jer. XVII, 5

¹⁹ I Mac. III, 19

²⁰ Prov. XXI, 31

²¹ Rom. XIV, 8

*gerações passadas, chamar-te-ão reparador de brechas, restaurador dos alicerces para a habitação*²².

E quando Cristo em glória voltar por Maria para tomar posse do seu Reino como cavaleiro vitorioso, *Reis dos reis e Senhor dos senhores*²³ juntar-te-ás ao inumerável Exército celeste revestido de branco, e receberás parte de tua herança; porque Ele é fiel, Aquele que prometeu: *O vencedor, fa-lo-ei sentar-se comigo sobre o meu trono, como eu também venci, e sentei-me com Meu Pai sobre o Seu trono*²⁴.

A Ele só, a glória, o louvor e o júbilo, com o Pai e o Espírito Santo, na Santa Igreja, pelos séculos dos séculos. AMEN.

²² Is. LVIII, 12

²³ S. Luis M. GRIGNION de MONTFORT: "Traité" n. 50, 4.o
Apoc. XIX, 16

²⁴ Apoc. III, 21

CAPÍTULO I

FINS DA ORDEM DE SANTA MARIA

1. Fundada no fim da segunda guerra mundial junto da pira de Santa Joana d'Arc, fortificada pela sabedoria beneditina à sombra da antiga abadia de Fontenelle, depois enraizada na terra Marial da cripta da “Virgem que deve dar à luz” da insígne Basílica e Catedral de Nossa Senhora de Chartres, a Ordem dos Cavaleiros de Santa Maria inscreve-se na longa e gloriosa tradição da cavalaria cristã e das Ordens Militares que foram criadas *para alargar cá embaixo as fronteiras do reino de Deus*⁸.

Regular e Militante, quer-se, mediante a graça divina, um conservatório de Honra e uma escola de heroísmo ao serviço dos mais altos valores da humanidade²⁵, Procura primeiro o Reino de Deus e a sua Justiça, sabendo que o resto, isto é, a paz sobre a terra – e os benefícios que daí decorrem – são dados por acréscimo²⁶.

Espera com firme esperança, no meio de um incessante combate contra o Príncipe deste mundo, a Parusia de Cristo-Rei, a vinda do Reino dos Céus e da Paz eterna, segundo a palavra do Apóstolo: Para nós, a nossa cidade é no Céu e de lá esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo²⁷.

2. A Ordem tem por fim essencial a glória de Deus pela realeza universal de Seu Filho Nosso Senhor Jesus Cristo. A esta realeza, única fonte de todas as bênçãos para toda a criação, o Senhor Jesus dignou-se associar sua Santíssima Mãe, a Bem-aventurada Imaculada e sempre Virgem Maria que é também Mãe da Igreja e de cada um dos fiéis. A Santa Mãe de Deus tornou-se assim, em virtude de sua Assunção, *Rainha do Céu e da Terra por graça, como Jesus é rei por natureza e por conquista*²⁸ *em virtude de sua ressurreição de entre os mortos*²⁹.

3. É por isso que os cavaleiros reconhecem a Santíssima Virgem como a sua própria Dama e Suzerana, e como a Soberana da sua Ordem. Unem-se a Ela pelo elo da Consagração, da homenagem e da armação de cavaleiro, de modo a tê-la *sempre como seu perfeito modelo para o imitar e a sua ajuda poderosa para os socorrer*³⁰.

Confiam-se também à guarda do glorioso Arcanjo S. Miguel, Príncipe da Cavalaria celeste e vencedor de Satanás; repetem o seu grito de fidelidade e de amor que é também um grito de guerra e de vitória: *Quem como Deus?* ; veneram-no e reconhecem-no como o Grão-Mestre da sua Ordem.

²⁵ Príncipes pour une Charte de la Chevalerie, art. 16

²⁶ Luc. XII, 31

²⁷ Filip. III, 20

²⁸ S. Louis M. GRIGNION de MONTFORT, “traité”, 38

²⁹ Cf. Rom. I, 4

³⁰ S. Louis GRIGNION, 46

4. A Ordem prossegue três fins ordenados para a glória de Deus:

- *A Ordem serve a Fé* católica, apostólica e romana, não somente confessando-a perante os homens “na sua integridade, pureza e vigor”³¹, mas também agindo para a espalhar, proteger, fortificar e fazê-la irradiar em todos os domínios da vida humana. Trabalha além disso segundo os meios para a união de todos os cristãos no único redil de Cristo, como realização duma vontade claramente expressa por Cristo, e como condição duma era de unidade e de paz para todas as nações³².

- *A Ordem defende a Santa Igreja Católica* sem descanso em qualquer campo que a ataquem, pela oração e por actos, contra todos os partidos, movimentos, seitas, heresias e erros denunciados pelo Soberano Pontífice. A Ordem ama e defende a Igreja, Esposa imaculada de Cristo, não somente no seu mistério, mas também na sua existência terrestre, e apesar dos defeitos de seus membros. Ama-a e defende-a na sua Fé íntegra e nas suas instituições. Ama-a e defende-a no seu passado e no presente, e defendê-la-á no futuro com a graça de Deus. Combate com o maior vigor, e sempre com caridade para com as pessoas, ou empreendimentos que no interior da Igreja, tentassem substituir a verdadeira Fé por uma religião do homem, e que ousassem atacar não somente as instituições tradicionais e a disciplina, mas também a pureza dos ritos sagrados, a santidade dos costumes cristãos e a integridade dos dogmas. Defende a Igreja com as últimas forças contra todos aqueles que sob o pretexto de reforma, a procuram desfigurar^{32 bis}.

- *A Ordem trabalha pela promoção da Cristandade e da Paz*. Está ao serviço do povo de Deus, sobretudo dos mais fracos e dos oprimidos. Combate as ideologias que causam dano à dignidade humana e à liberdade do homem criado à imagem e semelhança de Deus, e opõe-se por todos os meios apropriados a toda a tentativa totalitária que visa subjugar o mundo, de modo oculto ou não, como a todos os que conscientemente ou não, dão a sua ajuda a tais iniciativas³³.

Trabalha por estabelecer a cidade temporal sobre os fundamentos da ordem natural e os princípios do Evangelho, no respeito das liberdades essenciais do ser humano e das comunidades humanas³⁴, conforme a doutrina social da Igreja. Esforça-se por reunir todas as condições para *que os chefes das nações rendam a Cristo-Rei um culto público, para que os mestres e juizes O louvem, as leis e as artes O exprimem*³⁵ considerando *três vezes bemaventurada a cidade que Cristo, segundo a Ordem, governa, que prossegue a execução das leis dadas ao mundo pelo Céu*³⁶.

A Ordem inculca nos seus membros o amor da sua Pátria terrestre e o respeito das tradições legítimas recebidas de seus pais. Serve a Cristandade, isto é, a comunidade fraterna das nações resgatadas pelo sangue de Cristo e providencialmente chamadas a purificar e a assumir as diversas civilizações humanas

³¹ Pio XII, 2-3-4-7

³² Príncipes pour une Charte..., art. 5 (cf. Vaticano II, Decreto sobre o ecumenismo)

^{32 Bis} Vaticano II, Apost. dos Leigos, n. 6

³³ Príncipes pour une Charte..., art. 25a e 7c

³⁴ Ibid. art. 1 – Apost. dos Leigos, n. 5

³⁵ Liturgia de Cristo-Rei, Hino de Vésperas

³⁶ Ibid. Hino de Laudes

na civilização cristã³⁷. É por isso que a Ordem professa que a *fidelidade* ao patrimônio da civilização cristã, a sua defesa intrépida contra as correntes ateias ou anti-cristãs, é a pedra angular que não pode ser sacrificada a nenhuma vantagem passageira, a nenhuma combinação sujeita a mudança³⁸.

A Paz de Cristo ou tranquilidade da ordem cristã³⁹, fora da qual não há Paz verdadeira, justa e durável, tal é o fim nobilíssimo ao qual os cavaleiros honrados pela tradição do belo título de “pacificadores”, se afeiçoam obstinadamente segundo o princípio da Escritura: *Procura a paz e prossegue-a*⁴⁰. Todo o esforço para uma mais perfeita realização da ordem cristã e da paz facilita à Igreja o exercício da sua missão divina, abre aos humildes e aos pobres as fontes de salvação, e apressa o dia em que o Senhor Jesus há de voltar com os seus Anjos⁴¹ para estabelecer definitivamente o Seu reino de Justiça, Amor e Paz⁴².

5. Toda a actividade susceptível de ser ordenada a estes três fins pode ser empreendida quer pela própria Ordem e seus órgãos, quer por alguns dos seus membros, com a aprovação do magistério da Ordem, como sejam as inumeráveis obras sociais e caritativas, a educação da juventude, a luta contra os flagelos morais e sociais, a defesa dos povos contra as ideologias subversivas, a ajuda aos países menos desenvolvidos ou cativos de Estados totalitários, as relações culturais entre os povos, a difusão do espírito cavalleiresco nos Exércitos, o estudo dos problemas internacionais e outras coisas do mesmo gênero.

6. O combate da Ordem, que justifica a sua existência como Ordem de Cavalaria, é um combate no próprio sentido da palavra. Com efeito, o assalto lançado pelas forças infernais contra a Cristandade comporta um aspecto ideológico predominante ao qual não se pode opor eficazmente senão um combate espiritual e doutrinal atacado à firme resolução de defender até a morte os valores supremos da civilização cristã.

Não são só os exércitos os únicos a medir-se sobre os campos de batalha; o objecto desta guerra é a própria população, e por conseguinte esta deve ser enquadrada e protegida por uma elite cujo valor espiritual, moral, intelectual e simplesmente humano seja manifesto. A ordem contribui, na medida dos seus meios a construir esta elite⁴³.

7. A Ordem declara que não está ao serviço exclusivo de nenhum Estado nem grupo de Estado, nem Organização ou soberanias internacionais, nem de nenhuma raça em particular; mas serve todos os homens nas suas comunidades naturais. Não está ao serviço de causas políticas ou dinásticas, nem de interesses económicos, nem

³⁷ Príncipes pour une Charte..., art. 4, a

³⁸ Pio XII, 1-9-44

³⁹ Cf. S. Agostinho

⁴⁰ Sal. XXXIII, 15

⁴¹ Luc. IX, 26

⁴² Prefácio de Cristo-Rei

⁴³ Príncipes pour une Charte..., art. 7b

de interesses de classe, nem do que quer que seja puramente temporal. A Ordem está ao serviço da única cristandade. É universal, como a cristandade⁴⁴.

8. Plenamente consciente da missão do laicado católico no mundo tal qual foi definido pelo Concílio Vaticano II^{44 bis}, a Ordem governada por leigos, esclarecida pelo Magistério vivo da Igreja e dócil ao seu ensinamento, constante, define ele mesmo os seus objectivos e o modo de sua acção na cidade terrestre, sem que esta acção possa jamais comprometer no que quer que seja a Santa Sé ou a hierarquia eclesiástica.

⁴⁴ Ibid. III, 11

^{44 Bis} Apost. dos Leigos, n. 7e

CAPÍTULO II

DO ESTADO DAS PESSOAS E DA HIERARQUIA DA ORDEM

1. A Ordem dos Cavaleiros de Santa Maria não faz acepção de pessoas conforme o espírito do Evangelho e os princípios fundamentais da cavalaria. Contudo, é evidente que o pleno exercício da vida regular supõe uma certa cultura geral, e um mínimo de recursos e de tempo livre de que a apreciação fica a cargo do padrinho e do comendador.

Ainda que as pessoas possuindo uma influência social vasta sejam naturalmente chamadas à cavalaria, contudo é preciso não obedecer, no recrutamento, a considerações puramente humanas. Não são os ricos e os poderosos deste mundo que foram os pioneiros da Ordem de Cavalaria nos seus princípios. Lembremo-nos sempre que a Ordem não é um agrupamento fortuito de indivíduos prosseguindo cada um o seu fim particular, nem círculo intelectual mundano, mas o corpo orgânico constituído por membros unidos na vida e na morte, no amor e serviço das mesmas grandes realidades.

É por isso que o recrutamento e a formação dos jovens é em princípio preferível ao de homens formados fora da influência cavaleiresca.

2. Os irmãos devem abandonar os seus preconceitos de classe, origem de incompreensão mútua de tantos cristãos, sem por isso negligenciar o culto das virtudes das suas tradições familiares.

Se alguém da Ordem, é de nobre linhagem, que não tire disso vaidade, mas exemplo dos seus antepassados, que ele se exceda em generosidade e em santidade, a fim, de se tornar diante de Deus e dos homens um verdadeiro aristocrata, um verdadeiro cavaleiro.

Porque se qualidade do cavaleiro supõe nobreza de coração, a qualidade de cristão, no que ela nos faz participar da divindade do Rei dos reis, eleva-nos à mais alta nobreza que haja no mundo.

3. Não haverá na Ordem senão Membros de Cristo dispostos segundo a uma hierarquia que não olha senão ao valor de cada um. *Nesta renovação*, diz o apóstolo S. Paulo, *não há nem gregos nem judeus, nem escravo ou homem livre; mas Cristo está em todos*⁴⁵. Entrar na Ordem de Santa Maria é voltar as costas para o mundo para alcançar mais e melhor: porque um homem *que se alistou na milícia de Deus não se ocupa com os assuntos do século*⁴⁶.

4. A Ordem acolhe todos os que desejam servir Cristo-Rei e Nossa Senhora segundo o seu espírito e o seu código de Honra, quer no seu próprio seio – a Milícia -, quer na sua própria *Família*, quer no *Movimento*.

⁴⁵ Col. III, 11

⁴⁶ II Tim. II, 4

As disposições gerais deste capítulo são retomadas em detalhe e precisadas pelo “*costumeiro*”.

5. Todo o postulante que deseja entrar na Militia deve saber que se liga à Ordem, temporariamente ou definitivamente, e que aceita antecipadamente, para ele e para os seus, todos os inconvenientes que podem resultar de ele pertencer a uma Ordem Católica, regular e militante. O postulante encontrará na Ordem uma Regra, um estilo de vida, uma doutrina e um vasto campo de acção onde exercer o seu zelo, e por acréscimo, uma fraternidade humana e cristã verdadeira, Ele encontrará aí também, onde exercer as virtudes cristãs da humildade, de paciência, de tolerância, de coragem, de perseverança; deixará à entrada toda a ambição ou a pretensão de fazer salientar a própria pessoa no que fosse porventura legítimo. Só o Mestre da Ordem ou Prior, em capítulo de Honra, chamam à Cavalaria segundo critérios severos. A promoção a ser armado cavaleiro, não é um direito para nenhum membro da Ordem.

6. O postulante é confiado a um cavaleiro ou a um Donato, seu padrinho, designado pelo comendador em face de sua decisão segura, da sua piedade fervorosa e da sua observância irrepreensível.

O Padrinho deve examinar se tem zelo pela oração, obediência e humildade⁴⁷, se ama a Igreja e a verdade católica, se está decidido a combater por elas até a morte, se não veio senão para SERVIR, a exemplo do Senhor e de Sua Santa Mãe, enfim, se ele é atraído de modo muito particular para o serviço de Nossa Senhora, pelo Reino de Cristo-Rei, o que é aqui a verdadeira pedra de toque.

Deve-lhe fazer conhecer, amar e observar a Regra, e mostrar-lhe que não se conquista o Céu com a apatia, mas que não se ganha senão com coragem e o espírito de sacrifício⁴⁸. E que é vão procurar estabelecer neste mundo a Realeza de Cristo se nós não nos tivermos submetido previamente.

Deve ainda desenvolver nele o amor e a reverência dos cavaleiros para com Nossa Senhora, o gosto da Sagrada Escritura e da Liturgia, o respeito para com as pessoas, os lugares e os objectos que tenham um carácter sagrado, o desejo da Sabedoria e da união com Deus.

O padrinho velará pelo bom equilíbrio físico do postulante; inculcar-lhe-á a estima cristã do corpo, da sua pureza, do seu vigor, da sua beleza; mostrar-lhe-á como disciplinar e endurecer para o fazer um instrumento dócil da alma e do Espírito Santo; sobretudo se ele é ainda jovem, incitá-lo-á a exercitar o seu corpo, porque o cavaleiro deve estar sempre pronto a combater pelo Senhor: o treino físico faz parte da ascese cavaleiresca.

Enfim, prepara-o, sob o controle do Capelão, para a sua profissão de Fé, para a sua consagração a Nossa Senhora e a sua recepção na Ordem. O postulante nunca dura menos de três meses.

⁴⁷ Regra de S. Bento, 58

⁴⁸ Pio XII

7. No dia fixado para a sua recepção, o postulante pronunciará a sua profissão de fé católica, fará ou renovará a consagração à Santíssima Virgem segundo S. Luis Maria Grignon de Montfort, e será recebido na Ordem, como sargento ou freire de armas pelo Comendador, em presença do Capítulo. Ninguém é recebido na *Militia* ou no corpo auxiliar se não tiver dado e consagrado a Maria a quem a Ordem pertence. A partir do dia da sua recepção, o novo freire é obrigado a observar a Regra e a assistir aos Capítulos da Ordem.

8. Os Freires sargentos são homens com uma piedade e zelo provados, com qualidades certas de militantes e de homens de acção, mas que não podem ou não querem aceder ao pleno exercício da vida cavaleiresca e regular. Uma observância simplificada e adaptada permite-lhes participar na oração e no combate da Ordem segundo as suas competências, de dar-lhe o concurso de seu trabalho, e de espalhar o seu espírito no seu meio profissional. Na sua recepção ou “compromisso”, promete fidelidade à Ordem por um ano reconduzida tacitamente de ano em ano, salvo decisão expressa.

9. Os freires de armas são os noviços da Ordem. Durante o ano que segue a sua recepção, participam na vida regular da Ordem, e o seu principal papel é a formação cavaleiresca sobre todos os planos: espiritual, intelectual, moral e físico. Um programa de estudo lhes é fornecido, e devem no fim do ano testemunhar os conhecimentos adquiridos. A formação dos freires de armas, tendo por base a Regra como se disse anteriormente, incidirá sobre a teologia e a Sagrada Escritura, a doutrina tradicional da Igreja em matéria política e social e tradição cavaleiresca. Far-se-á num espírito de oração, por meio de leituras e de instruções orais. Jamais se perderá de vista que se trata muito mais para os freires da Ordem de adquirir uma sabedoria sobrenatural do que uma simples cultura de espírito. Pois que é da nossa sabedoria, não da nossa ciência, que o mundo tem necessidade, como está escrito: Um grande número de *sábios* faz a salvação da terra⁴⁹. É-se freire de armas durante pelo menos um ano, e enquanto os estudos prescritos não se complementarem os freires de armas podem deixar a Ordem por simples demissão.

10. Os freires de armas que tenham testemunhado os seus conhecimentos e a sua boa observância são nomeados *escudeiros*. Considerados então como membros maiores da Ordem, os escudeiros preenchem todas as funções que lhes são confiadas, com a exclusão de cargos hierárquicos. Com o grau de Escudeiro atinge-se o grau ao qual todo o freire da Ordem que não é sargento pode preencher. A duração do escudeiro nunca é inferior a um ano, e pode prolongar-se indefinitivamente.

11. Os escudeiros que deram provas múltiplas da sua fidelidade à Ordem e à observância da Regra, e desempenhado de modo satisfatório os cargos que lhe tenham sido confiados, podem ser elevados, com o seu consentimento, por decisão magistral ou prioral, ao grau de Donato de Justiça. Os freires de armas ou sargentos, pelos seus serviços excepcionais, podem ser elevados directamente ao grau de Donato, nas mesmas condições. Terão então o título de Donato de Graça. Os Donatos emitem por três anos reconduzidos tacitamente perpetuamente salvo decisão, a tripla promessa solene de conversão de costumes, fidelidade à Ordem, e defesa da Igreja.

⁴⁹ Sab. VI, 2

12. Os escudeiros que, além das qualidades exigidas aos Donatos, respondam a todos os critérios da cavalaria e desempenhem com perfeição todas as missões ou encargos a eles confiados, mesmo difíceis ou perigosos, podem ser elevados, com o seu consentimento, pelo Mestre ou Prior, ao estado de Cavaleiro. Emitem então, segundo o cerimonial da Ordem, os três votos perpétuos que constituem a Profissão:

- *A conversão dos costumes*, compromisso de viver daí para o futuro, em todas as circunstâncias da vida, com a família de que é o chefe, segundo as leis da Cavalaria e segundo a Regra da Ordem, no Estado de vassalagem face-a-face a Cristo Rei e Nossa Senhora.

- *A fidelidade à Ordem*, obediência aos chefes da Ordem nos limites da Regra, e dever de entreatura fraterna para com todos os membros.

- *A defesa da Igreja*, compromisso especial, análogo ao voto de cruzada a defender a Igreja, a sua Fé, a sua Hierarquia, as suas instituições, os seus direitos, mesmo com perigo da sua vida; e a responder a todo o apelo do Soberano Pontífice para cumprir toda a missão, mesmo custosa ou perigosa, que Sua Santidade se digne confiar aos seus cavaleiros.

O novo professo velará uma noite inteira, e receberá no dia seguinte, depois de ter ouvido a Missa e comungado, a *Benedictio Novi Militis* segundo o Pontifical Romano.

Por este Sacramental da Igreja, o cavaleiro recebe oficialmente a missão de combater os inimigos de Deus e do homem e de alargar cá na terra as fronteiras do reino de Deus, com a graça necessária para a cumprir. Toda a sua vida doravante consagrada ao serviço da Cristandade: que ele se torne digno de uma tal honra.

O acto ritual de ser armado cavaleiro de Nossa Senhora marca toda a Ordem de carácter cavaleiresco, de tal modo que todos os seus membros, comprometidos no mesmo combate, participam de qualquer maneira dos deveres, dignidade e graça conferidos por este rito venerável: todos devem considerar-se ligados à Vriagem real pelo serviço da Cavalaria.

Um Cavaleiro pode, em certas circunstâncias de que o Mestre e Priores são juízes, ser armado por outrem, em vez de ser utilizado a *Benedictio Novi Militis*. Quem assim fosse criado cavaleiro teria a mesma missão e os mesmos deveres que outros, e certamente a graça de Deus não lhe faltaria.

Igualmente, um cavaleiro pode armar cavaleiro outras pessoas qualificadas, em caso de perigo grave, se ele se encontra isolado do seu superior hierárquico.

O ritual de armar cavaleiro, impondo deveres precisos para a defesa da Cristandade, não pode ser licitamente conferido a pessoas inaptas ou não qualificadas. Ninguém pode ser cavaleiro se não for homem de fé viva, tendo atingido a maioridade legal, são de espírito e de corpo, de costumes íntegros e de boa reputação, nobre de coração e leal, corajoso no físico e no moral, tendo feito as suas provas, por uma série de actos positivos ou por uma acção notável, ao serviço da

Cristandade, da sua Pátria, do seu próximo ou da ordem, capaz de exercer um ascendente moral sobre os outros, animado na vontade de observar em todos os pontos o código de Honra da Cavalaria e a Regra, mesmo com o risco dos seus bens e da sua vida⁵⁰. Todo o cavaleiro é um chefe-nato, senhor de si mesmo, apto a arrastar os seus irmãos até ao cimo, e à volta de quem, espontaneamente, se agrupam nos combates da vida. Todo o cavaleiro tem um *movimento*.

A estes critérios gerais, é preciso acrescentar as características dum cavaleiro de Nossa Senhora; humildade, piedade, amor da Virgem e da Igreja, observância irrepreensível aos capítulos e às actividades da Ordem, e, além disso, dedicação indefectível à Ordem e preferência dada efectivamente ao serviço da Ordem da Cavalaria, sobre toda outra actividade ou grupo: *é-se Cavaleiro de Nossa Senhora antes de tudo, em tudo, sempre e em todo o lado*.

13. Os membros da Ordem que queiram consagrar-se inteiramente a Deus pelos votos de pobreza, castidade e obediência, e levar uma vida de oração, de renúncia e de acção cavaleiresca ao serviço da Ordem e deus fins, agrupam-se em Comendadorias Conventuais sob a orientação de um de um comendador assistido por um Capelão. Cumprem dois anos de noviciado antes de emitir os seus votos de religião. Realizam individualmente ou em comunidade todas as missões compatíveis com a sua vocação, que lhes confia o Magistério da Ordem. O Magistério procurará com o maior cuidado não confiar aos irmãos conventuais tarefas que pertencem normalmente aos cavaleiros seculares, pela razão de da sua inserção nas comunidades naturais da cidade terrestre, de modo a que a natureza da Ordem não se modifique. Os conventuais não são e não devem ser o centro dirigente da Ordem, mas eles são um corpo de elite ao serviço de toda a Ordem. O seu Estado não arrasta qualquer superioridade hierárquica ou honorífica. Ainda mais, os cavaleiros conventuais renunciam voluntariamente aos cargos Magistrais e Priorais, e a todas as dignidades da Ordem, excepto as de Visitadores e comendadores conventuais. À semelhança dos antigos templários que foram monges e soldados, tendem a perfeição da caridade evangélica travando um duplo combate, contra os inimigos invisíveis da Igreja, e esforçam-se por dar a todos os irmãos o exemplo duma vida de Honra e de coragem, inteiramente disponível para o mais elevado serviço. O visitador magistral é o superior hierárquico de todas as comunidades conventuais; este título está submetido directamente ao Mestre e é membro do seu conselho. O *Directório*, parte do Costumeiro, regula a observância particular das comendorias conventuais.

14. Os Padres que desempenham as funções de capelães nos diversos escalões da Ordem têm o título de capelães. Depois de um ano de ministério na Ordem são titularizados quer como *capelães de devoção*, sem elo jurídico, quer como *capelães de obediências*, com promessa de fidelidade à Ordem. O Capelão geral, os capelães priorais e os conventuais são capelães de obediência, salvo derrogação especial.

Os Capelães não estão investidos dos poderes hierárquicos da Ordem, mas desempenham um papel de ensino e de controlo em tudo o que diz respeito à doutrina, à espiritualidade, à moral, às leis canónicas e à liturgia. Pertencem ao de direito ao correspondente à sua função.

⁵⁰ Principes pour une Chartre... art. 13 b

Devem entrar no espírito da Regra, guiar a piedade dos irmãos no sentido que ela determina, ser animadores espirituais e imagens vivas do Senhor Jesus que representam sobre a terra. Além dos deveres particulares do seu cargo pastoral, comprometem-se a rezar e a oferecer penitências e sofrimentos pela Ordem, pela santificação de seus membros e pela sua acção ao serviço da Cristandade. Celebram pelo menos duas vezes por ano o Santo Sacrifício da Missa por estas mesmas intenções.

Os prelados e os padres que compartilham do ideal cavaleiresco e que a Ordem que honrar recebem o título de *Prelados e Capelães de Honra*. Os bispos que dão à Ordem na sua diocese um Acto de estabelecimento e uma igreja capitular são *Prelados da Ordem*. O bispo de CHARTRES, centro espiritual da Ordem, tem o título de *Primaz da Ordem*.

15. A Ordem, reconhecendo na família uma instituição divina, santificada por um sacramento, pode receber com o título *irmã* as esposas, filhas e irmãs dos seus membros, que o peçam. As mulheres dos cavaleiros que desejam militar na Ordem e ligar-se a ela seguindo o seu marido, podem além disso, ser admitidas à Profissão depois de um tempo de provação conveniente: são as únicas *Damas da Ordem*. Irmãs e Damas não têm função hierárquica na Ordem, mas participam dos Capítulos e em todas as actividades que lhes sejam adequadas. Ordenam a vida familiar especialmente no respeitante à educação dos filhos, dentro do estilo próprio da Ordem da Cavalaria, e praticam com boa vontade e com toda a cortezia a hospitalidade prevista pela Regra. Prolongam a amizade fraterna dos Cavaleiros entre eles por uma amizade sólida entre as famílias da Ordem. Esforçam-se por ser imagens vivas da Dama por excelência, a Virgem Maria, Rainha do Céu e da Terra: como Ela inspiradoras, pelo amor das altas virtudes viris que fazem os heróis e Santos.

16. A Ordem recebe igualmente rapazes e raparigaz: são os *Pagens e as Donzelas*. Os Pagens agrupados em mesnadas, recebem uma formação espiritual, moral e física conforme à tradição da Cavalaria. Estudam, ao serviço do Cavaleiro, por um treino apropriado no seio do meio natural da criação e pelo exercício das *Artes Cavaleirescas*, a forjar uma alma elevada e se possível um corpo vigoroso, onde a graça de Deus habite. Regem-se pelos “Usos e Costumes”.

As Donzelas, filhas ou irmãs de membros da Ordem, são confiadas a Damas ou a Irmãs da Ordem; desenvolvem nelas sobretudo as virtudes que fazem a jovem cristã e a Dama de Cavalaria, impondo só pela sua presença o respeito do que é belo e nobre, e fazendo recuar toda a vulgaridade e baixeza.

Pagens e Donzelas podem participar, segundo a sua idade e as suas disposições, em diversas actividades da Ordem.

17. A *Família* reúne as pessoas que sem entrar na Ordem propriamente dita desejam participar na sua oração e no seu combate, ajudar os cavaleiros, prolongar a sua acção e fazer irradiar o seu espírito. Compõe-se essencialmente do *Corpo Auxiliar dos Servos de Nossa Senhora e do Corpo de Apoio Espiritual*, aos quais se juntam os “Amigos”, agrupados ou não em associação.

O *Movimento da Ordem*, sem nenhuma forma jurídica determinada, designa toda pessoa ou agrupamento que se encontra sob a influência mais ou menos directa da Ordem e dos seus e dos seus cavaleiros, aprove o seu espírito e mostre disposição de cooperar numa ou noutra das suas actividades.

18. A Ordem é governada por um cavaleiro, o *Mestre*, assistido dos seus oficiais, conselheiros e do capítulo geral. O Mestre, os Priores, os Bailios, os Comendadores e os Preceptores, e todos os que receberão o cargo tremendo de dirigir os seus irmãos nas vias da honra cavaleiresca, lembrar-se-ão que detêm uma parte da Autoridade Cristo-Rei, a quem um dia terão de prestar contas da sua gestão, não somente por si, mas também pela fidelidade dos seus semelhantes.

Que evitem pois exercer um poder tirânico; que não esqueçam que a autoridade é um serviço, o mais alto de todos e o mais exigente. Que se apliquem portanto à justiça e mais ainda à misericórdia, à humildade e à *discrição que é a mãe de todas as virtudes*. Professem uma doutrina irrepreensível, e mostrem a todos o exemplo de submissão perfeita à Sua Igreja. Que aprendem e se esforcem ainda mais por se fazer amar do que temer. Acima de tudo, que observem a presente Regra, para que depois de ter bem servido, ouçam do Senhor a palavra dita ao bom servidor: Em verdade vo-lo digo, o Mestre estabelecê-lo-á sobre todos os seus bens⁵¹.

Os cavaleiros, todos semelhantes e igualmente depositários, em virtude de terem sido armados cavaleiros, da missão e da graça da Ordem de Cavalaria, participam hierarquicamente, por seus conselhos prudentes e pela sua colaboração fraterna, no bom andamento da Ordem, em todas as formas previstas pelo “Costumeiro”.

19. A presente Regra, escrava do Evangelho, constitui o fundamento imutável da Ordem. É completada, interpretada e adaptada, se for necessário, às circunstâncias de tempo e de lugar pelo Costumeiro, que é a codificação dos usos da Ordem, promulgada pelo Mestre. Toda a modificação do Costumeiro deve receber em Capítulo geral o assentimento da maior parte dos cavaleiros.

À regra e ao Costumeiro se juntam além disso um Cerimonial.

⁵¹ Regra de S. Bento, 64

CAPÍTULO III

COMO DEVE SER O CAVALEIRO DE SANTA MARIA

1. Aquele que entrou na Ordem de Santa Maria tomou a Cruz e fez a Cristo o sacrifício de sua, aceitando de antemão os combates, as contradições, as humilhações e a morte que o Senhor Jesus, no seu imenso amor para com todos os homens, se dignou tomar sobre Si e partilhar com os seus amigos. Recebe por lei o Código de Honra Cavaleiresca, expressão de sua absoluta fidelidade a Deus:

- I - O Cavaleiro combate por Cristo e pelo Seu reino.
- II - O Cavaleiro serve a sua Dama a Virgem Maria.
- III - O Cavaleiro defende a Santa Igreja até ao sangue.
- IV - O Cavaleiro mantém as tradições dos seus antepassados.
- V - O Cavaleiro combate pela Justiça, pela Ordem Cristã e pela Paz.
- VI - O Cavaleiro trava contra o mundo e o seu Príncipe uma guerra sem trégua nem descanso.
- VII - O Cavaleiro honra e protege os pobres, os fracos os deserdados.
- VIII - O Cavaleiro despreza o dinheiro e os poderes deste mundo.
- IX - O Cavaleiro é humilde, magnânimo e leal.
- X - O Cavaleiro é puro e cortês, ardente e fiel.

2. Segundo a concepção de S. Bernardo, o Cavaleiro de Santa Maria é soldado de Deus: une à vida contemplativa a vida activa para travar com os inimigos de Cristo o duplo combate, sobrenatural e natural, e derrotá-los no duplo combate.

3. Soldado, ele é o primeiro no sentido do *Bonus Miles Christi Jesu*⁵². Deve trazer junto de si a decisão de não recuar, como os primeiros cristãos, em face ao paganismo, pois que se trata para ele de mudar a vida no mundo e à face dum mundo que renegou Cristo. A fé em Cristo na fidelidade à Igreja é o rochedo inabalável sobre o qual se apóia *não uma fé mutilada, anêmica, edulcorada, mas uma fé em toda a sua integridade, pureza e vigor*³¹. A sua primeira vitória, deve-a obter sobre si mesmo por uma verdadeira conversão; o seu primeiro objectivo, é a conquista de si mesmo. Então, mas só então, pode atacar directamente os inimigos visíveis da Igreja e da Cristandade, com a certeza de vencer.

4. As etapas desta conversão, a tradição mística da cavalaria descrevem-nas sob o nome de *Demanda do Santo Graal*, a qual não é outra coisa senão a procura do próprio Deus e da Sabedoria divina escondida no Coração de Cristo.

Esta busca espiritual começa pelo temor filial, como está escrito: *O temor do Senhor é o começo da Sabedoria*⁵³. Implica uma de recolhimento e de intimidade com

⁵² II Tim. II, 3

⁵³ Eccl. I, 16

o Senhor e com Nossa Senhora, e sacrifica voluntariamente a esta intimidade os prazeres do mundo, os espectáculos muito frequentes ou ligeiros, as conversas frívolas e ociosas, a vida desregrada e fantasista. Foge da agitação e do barulho, e continua-se no silêncio interior. Não avança senão pela oração assídua e a meditação prolongada das Sagradas Escrituras, pela renúncia à mentalidade do mundo e pela penitência. Triunfa de provações numerosas pela fé, a paciência e as outras armas da luz, Finalmente, termina na contemplação: o cavaleiro que encontrou a Sabedoria volta para o mundo um olhar purificado, torna-se capaz de discernir o grande desígnio de amor do Deus vivo e de nisso cooperar com perfeição.

5. Os cavaleiros de Santa Maria não devem viver num luxo amolecedor, mas rudemente, como peregrinos em viagem, como soldados prontos a entrar em combate,

Devem guardar somente o necessário, um necessário prático e de bom gosto, e banir todo o supérfluo; não devem afeiçoar-se aos objectos materiais, mesmo quando se trata para eles de recordações. O seu apego vai para Cristo de Quem tomaram a Cruz. *Que eles se apliquem pois a estar nós e despojados de tudo*⁵⁴. Sabem que os seus bens são dons de Deus de que uma parte pertence aos pobres.⁵⁵

6. Guardarão uma grande pureza de corpo e de alma, seja no estado de celibato, seja no casamento, afim de serem dignos de *seguir a Cristo por todo o lado para onde Ele vá*⁵⁶, e de serem templos do Espírito Santo à imagem gloriosa da Mãe de Deus.

7. Os Cavaleiros de Santa Maria amarão a Igreja com o mesmo amor com que amam a Mãe de Deus. Será para eles uma fonte de graças abundantes, como também um sinal muito seguro de predestinação. Porque, diz-nos S. Agostinho, *nós também, recebemos o Espírito Santo, se amamos a Igreja, se estamos prontos para a caridade, se o nome e a Fé Católica fazem a nossa alegria. Acreditemo-lo, irmãos: Quanto mais alguém ama a Igreja, tanto mais está nele o Espírito Santo*⁵⁷.

8. Guardiões e defensores da tradição cristã, os cavaleiros de Santa Maria esforçar-se-ão por apagar neles todo o traço de materialismo, de naturalismo, de liberalismo, ou de modernismo. Detestam a vontade perversa dos homens que querem construir um mundo sem Deus. Recusam com toda a energia, todo o laicismo sob qualquer forma que se apresente. Repudiam as ideologias enganosas, as falsas liberdades revolucionárias definidas e condenadas pelos Pontífices Romanos. Sabem que *os verdadeiros amigos do povo não são revolucionários, nem inovadores, mas tradicionalistas*⁵⁸. Para eles continua segura esta regra antiga: *Nihil innovetur, nisi quod traditum est*⁵⁹. Esforçam-se pois a *pensar com a Igreja*⁶⁰, em todos os domínios, e a viver em todas as coisas de acordo com a sua fé.

⁵⁴ Regra de N. S. de La Salette

⁵⁵ Vaticano II, Gaudium et Spes 69

⁵⁶ Apoc. XIV, 4

⁵⁷ Tractatus in Joannem, 32, 8

⁵⁸ S. Pio X, 25-801910

⁵⁹ E. Etienne Ier, Pape (254-257) – Denz. 46, citado por Bento XV, Ad Beatissimi

⁶⁰ “Sentir com a Igreja” – S. Agostinho

9. Herdeiros de quinze séculos de civilização cristã, os cavaleiros devem ser profundamente civilizados, no nobre sentido do termo. Mostrar-se-ão de uma grande educação e cortesia entre eles, e para com o próximo. Segundo a recomendação do Apóstolo, *que eles se predisponham a honrar-se uns aos outros*⁶¹.

Evitarão do mesmo modo em todo o tempo a vulgaridade de linguagem, sabendo que *um homem que se habitua a uma linguagem grosseira jamais atingirá a sabedoria*⁶². *Todas as palavras vilãs, com efeito, lhe são proibidas, e todas as cortesias são confiadas e todo o bem fazer*⁶³. Enfim, manifestarão no exterior a dignidade da sua vida por uma atitude e um modo irrepreensíveis, de acordo com o preceito da Escritura: *Glorificai Deus no vosso corpo*⁶⁴.

10. Serão simultaneamente mansos e violentos, porque o Senhor disse: *Bem-aventurados os mansos porque possuirão a terra*⁶⁵, e: *Aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração*⁶⁶; e está escrito também: *O reino dos Céus tem sido objecto de violência e os violentos apoderaram-se dele à força*⁶⁷. Amarão pois a Deus com toda a violência que um tal amor exige; odiarão o demónio e o mal sem cessar de ser mansos para com os pecadores.

Procurarão acima de tudo a paz, mas não hesitarão em fazer aos inimigos de Cristo uma guerra sem trégua e sem descanso. Porque se o Senhor disse: *Deixo-vos a Minha Paz, dou-vos a Minha Paz, Ele não a dá como a dá o mundo*⁶⁸; é porque Ele nos diz também: *Não penseis que vim trazer a Paz sobre a terra. Eu não vim trazer a Paz, mas a espada*⁶⁹.

11. A Cavalaria não é um assunto de condecorações, um pretexto de vaidade, nem um direito à consideração do mundo; os Cavaleiros não terão em vista senão os cargos e os deveres aos quais o seu estado os obriga. Na medida em que eles tiverem respondido à sua vocação e à graça da *armação de cavaleiro*, poderão mostrar-se orgulhosos de ser cavaleiros, segundo a palavra de S. Paulo: *Que aquele que se glorifica, se glorifique no Senhor*⁷⁰. Que primeiramente saibam bem que o cavaleiro é o servidor de todos, e particularmente dos fracos. A humildade é uma das principais virtudes; *os mais humildes têm o primeiro lugar nos Corações de Jesus e Maria*⁷¹. E o Senhor disse: *Aquele que queira tornar-se grande entre vós, será vosso servidor; e aquele que entre vós queira ser o primeiro será escravo de todos. Porque o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a Sua alma para o resgate de muito*⁷². Que eles meditem pois muito frequentemente no seu coração a

⁶¹ Rom. XII, 10

⁶² Eccl. XXIII, 15

⁶³ Regra dos templários, recepção aos freis

⁶⁴ I Cor. VI, 20

⁶⁵ Mat. V, 4

⁶⁶ Mt. XI, 29

⁶⁷ Mt. XI, 12

⁶⁸ Jo. XIV, 27

⁶⁹ Mt. X, 34

⁷⁰ II Cor. X, 17

⁷¹ Regra de N. S. de La Salette

⁷² Mc. X, 43-45

nobre divisa dos cavaleiros do Templo: NON NOBIS, DOMINE, NON NOBIS, SED NOMINI TUO DA GLORIAM⁷³.

12. S. Gregório Magno anuncia antecipadamente o caminho do cavaleiro quando diz: *Se procurais o cume da verdadeira honra, tendei para o reino Celeste*⁷⁴. Toda a lei da honra cavaleiresca está contida na única fidelidade, virtude por excelência do cavaleiro a quem o senhor dá este mandamento e fez esta promessa: *Sê fiel até a morte e dar-te-ei a coroa da vida*⁷⁵.

⁷³ Sal. CXIII, 9

⁷⁴ S. Gregorio, Hom. 15, in Evangelio

⁷⁵ Apoc. XI, 10

CAPÍTULO IV

DO SERVIÇO DE NOSSA SENHORA

1. Ninguém é um verdadeiro cavaleiro se não estiver pronto a sacrificar-se totalmente pela honra da sua Dama. A Dama dos Cavaleiros da Ordem é a Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus, e a honra de Nossa Senhora é a glória de Deus. A Ordem é sobre a terra, a título especial, a Corte da Santíssima Virgem, como os Anjos no Céu lhe são uma escolta gloriosa.

2. A vida espiritual dos cavaleiros está inteiramente confiada à Santa Mãe de Deus que é a Mãe do Cristo total. Tem por missão comunicar-lhe a vida divina e de criar com Cristo para a vida eterna. Ela é a guardiã da sua fidelidade a Cristo, e todos lhe dirigem o grito tradicional da antiga cavalaria: *NOSSA SENHORA, GUARDAI-NOS DO PERJÚRIO!*

3. Os cavaleiros aprenderão a conhecer Cristo Jesus por Sua divina Mãe; escutarão no fundo da sua alma os segredos de santidade que Maria colhe sem cessar na intimidade do Coração de Jesus; não separarão o Coração de Jesus do Coração de Maria.

4. Amarão meditar o que o Evangelho, os Padres e o Magistério da Igreja nos ensinam de Maria, e darão assim à sua piedade o fundamento sólido da Fé Católica⁷⁶.

5. Por amor para com Nossa Senhora, Virgem Fiel, espelho da perfeição divina, esforçar-se-ão por se lhe assemelhar, imitando as suas virtudes. Particularmente:

- A *fé* que recebe sem hesitação a mensagem das revelações divinas como está escrito: Bem aventurada aquela que acreditou⁷⁷;

- A *pureza* dum ser completamente dado a Deus, sem complacência para com o pecado nem compromisso com o mundo;

- A *humildade*, que reconhece a sua condição de serva⁷⁸ e procurar apagar-se diante de Deus;

- A *magnanimidade*, enfim, pela qual a humilde Virgem de Nazaré aceitou *dum mesmo coração*, e a força da compaixão⁷⁹, e a glória da maternidade divina e real, com todos os privilégios que daí advém.

6. Os irmãos honrarão a Virgem com fervor no seu santuário de CHARTRES, e contribuirão para o esplendor do seu culto pela celebração dos seus ofícios e dos seus capítulos, e por toda a espécie de boas obras. É com efeito na cripta antiquíssima de

⁷⁶ cf. Vaticano II, Lumen Gentium, n. 67

⁷⁷ Lc. I, 45

⁷⁸ Lc. I, 38

⁷⁹ Lc. 2, 35

Nossa Senhora de *Sob-terra* que a Virgem que *vai dar à luz*⁸⁰ o Rei de todos os séculos se dignou estabelecer os seus cavaleiros, ensinando-lhes que só o grão metido na terra dá muito fruto⁸¹, e que a glória futura do Reino dos Céus tem os seus começos humildes e escondidos. Do mesmo modo os irmãos honrarão os outros lugares sagrados que a Ordem recebeu a título de igrejas capitulares, nos diversos países onde está implantada, e em geral os santuários dedicados à Virgem ou visitados por Ela com vista ao Advento.

7. Os Cavaleiros da Ordem serão ardorosos em promover o reino de Nossa Senhora nas almas como nas instituições. Serão sempre os defensores da sua honra, não se resignando a ver desconhecidos ou passados sob silêncio os títulos sagrados da Mãe de Deus. Em todo o lado em que Maria for rainha, Jesus Cristo será Rei.

⁸⁰ Inscrição antiga de N. Senhora de Sous Terre: "VIRGINI PARITURAE"

⁸¹ Jo. XII, 24

CAPÍTULO V

DA OBEDIÊNCIA

1. O verdadeiro espírito cristão reconhece na obediência, não somente a condição da boa ordem em toda a sociedade, mas ainda e sobretudo o acto sobrenatural pelo qual nós rendemos homenagem à autoridade divina e restabelecemos, na justiça e na humildade de nossa submissão, a ordem hierárquica da criação quebrada pelo pecado.

2. Assim compreendida, a obediência é um bem⁸² soberanamente desejável para todo o cristão desejoso de participar na obra de Redenção, e muito mais ainda para cavaleiros que fazem promessas de imitar Cristo e Nossa Senhora, e de estabelecer, segundo os seus meios com a ajuda da graça, uma ordem cristã no mundo.

3. É pois com a solicitude da caridade que emitirão o seu voto de fidelidade à sua Ordem, fidelidade que implica a observância ao Mestre e aos dignatários nos limites da Regra.

Esta fidelidade conferirá a toda a sua Ordem a bela unidade das inteligências e dos corações no serviço de Nossa Senhora, Soberana da Ordem e Suzerana de cada um deles.

Mas é preciso primeiro estar bem persuadido que a *obediência*, segundo nosso Pai S. Bernardo, *não pode nascer senão numa alma liberta e purificada totalmente o espírito do mundo*⁸³. Falando dos Cavaleiros do templo, S. Bernardo, diz ainda: *Neles, a disciplina não falta, a obediência nunca é desprezada... Dir-se-ia que toda esta multidão não tem senão um só coração e uma só alma, de tal modo que cada um se apressa, não a seguir a sua própria vontade, mas a obedecer àquele que manda*⁸⁴. E aos seus monges, precisa: *Não é de resto uma obediência leprosa nem uma paciência de cão que se espera de vós; a obediência é o alimento deleitável de que o Senhor nos diz que consiste em fazer a vontade de Seu Pai*.

4. *Mas esta obediência*, diz o glorioso patriarca S. Bento, *não seja agradável a Deus e doce aos homens senão quando o que for mandado for executado sem hesitação, sem atraso, sem tibieza, sem murmúrio e sem nenhuma palavra de resistência; porque a obediência que se deve aos superiores se liga a Deus; porque Ele disse de Si próprio: “Quem vos ouve a mim ouve”*⁸⁵.

5. *Quer seja Deus mesmo que mande*, acrescenta S. Bernardo, *ou um homem a quem se delega a Sua autoridade, é preciso obedecer com o mesmo zelo e o mesmo respeito. Supondo naturalmente que este homem não ordene nada que seja contrário à lei de Deus; e se tal caso se produzisse, a única regra que poderíamos seguir seria*

⁸² Regra de S. Bento, c. 71

⁸³ N. 41 de sermões diversos

⁸⁴ De laude novae Militiae, IV

⁸⁵ Regra, c. 5 – Lc. X, 16

na minha opinião a que dá o Apóstolo Pedro: “É melhor obedecer a Deus do que aos homens”⁸⁶. Só isto poderia impedir-nos de cair na situação equívoca dos Fariseus que o Senhor censurou: Porque violais o mandamento de Deus para seguir as vossas tradições humanas?⁸⁷

6. Os cavaleiros devem pois obedecer segundo os sete graus que S. Bernardo distingue: o consentimento da vontade, a simplicidade, a alegria, a prontidão, a coragem, a humildade e a perseverança⁸⁸. *Que eles sejam de uma obediência perfeita em tudo e em todo o lado*⁸⁹ porque o *homem obediente cantará as suas vitórias*⁹⁰.

7. Neste espírito, e embora todos sejam iguais no que respeita a serem cavaleiros, aceitarão facilmente a autoridade do Mestre, do Prior e do Comendador no que diz respeito às observâncias da Regra, e um certo direito de vigilância dos mesmos dignatários sobre a sua acção pessoal que sempre deve ser inspirada pelo Código da Honra e os fins da Ordem. Em particular, todo o cavaleiro é obrigado a comparecer a toda a convocação do Mestre da Ordem salvo em caso de impossibilidade reconhecida.

8. Os dignatários terão contudo atenção às circunstâncias e às situações Pessoais antes de ordenar o que quer que seja de importante. Serão pois os mais humildes, afáveis com os seus irmãos, severos consigo próprios. *Antes de fazer uma correção, elevarão sempre a sua alma a Deus*⁸⁹.

9. Que os cavaleiros nunca percam de vista a grandeza da obediência, primeira e efectiva homenagem à Autoridade que vem da Paternidade divina. A disciplina é a honra e a força daqueles que compreenderam e ambicionam esta Paternidade, fonte de Justiça e da Ordem.

Os Cavaleiros farão tudo por restaurar esta grande virtude da obediência, fortemente abalada pelo espírito de revolta satânica do mundo moderno: *Porque é uma espécie de magia não querer submeter-se, e resistir, é o crime da idolatria*⁹¹. E já que o discípulo não é maior que o seu Mestre⁹², imitarão o Senhor dos senhores e o Reis dos reis⁹³ que se dignou submeter-se à vontade de um Outro, segundo o que disse: *Não vim fazer a minha vontade, mas a vontade d’Aquele que me enviou*⁹⁴. Com efeito, o Senhor fez-se obediente até à morte, e morte de Cruz⁹⁵.

10. Todavia os cavaleiros de Santa Maria farão uma oposição vigorosa e sem quebras face às leis ímpias (que não são leis). *Se as leis do Estado estão em contradição declarada com a lei divina, se comportam disposições prejudiciais à Igreja ou prescrições contrárias aos deveres impostos pela religião, se violam no Pontífice*

⁸⁶ Act. V, 29

⁸⁷ Mt. XV, 3

⁸⁸ N. 41 de sermões diversos

⁸⁹ Regra de N. S. de La Salette

⁹⁰ Prov. XXI, 28

⁹¹ I Reis, XV, 20

⁹² Jo. XV, 20

⁹³ Apoc. XIX, 16

⁹⁴ Jo. VI, 38

⁹⁵ Fil. II, 8

*Supremo a Autoridade de Jesus Cristo, em todos estes casos, há a obrigação de resistir, e obedecer seria um crime cujas consequências recairiam sobre o próprio Estado*⁹⁶. Porque o bem do homem e da sociedade jamais se encontram na desobediência a Deus.

⁹⁶ "Sapientiae christianae"

CAPÍTULO VI

DA CORRECÇÃO FRATERNA

1. Se alguém tem qualquer coisa contra o seu irmão, que lho diga em segredo, segundo o preceito divino⁹⁷, para que reine na Ordem uma santa imolação. O senhor que sabe separar o bem do mal, utiliza com efeito para a nossa santificação a nossa propensão para ver o argueiro nos olhos do nosso próximo. Se, depois de um primeiro aviso, o irmão não se corrige, devemos pedir-lhe de novo, juntando um ou dois outros irmãos; se ele continuar sem se corrigir, é necessário prevenir o comendador que o sancionará, e poderá impor orações à comunidade. A oração e a humildade fazem perder todo o poder a Satanás. Se um cavaleiro ofende um dos seus irmãos por palavras ou por actos, que ele repare a sua falta e se reconcilie com ele antes do pôr do sol⁹⁸.

2. Ainda que os preceitos da Regra não comprometam sob pena de pecado, não são por isso sem obrigação nem sanção. É assim que os irmãos declararão lealmente em Capítulo as suas próprias faltas exteriores à Regra, ao Código de Honra e às diversas obediências que lhes estão confiadas. O Capelão ou na sua falta o Comendador, imporá uma ligeira reparação sob a forma de orações ou de mortificação.

Pelas faltas mais graves, ausência injustificada a vários capítulos, violação de um segredo capitular, desobediência formal a uma ordem recebida, etc... o comendador, assistido do capítulo de honra, pode impor além disso a privação temporária do manto e a irradiação temporária do quadro da *obra de Deus*.

Quanto às faltas muito graves contra a honra da Cavalaria, são da alçada do Capítulo da Justiça, nas condições regulares pela *Usança*.

3. Todos os irmãos da Ordem têm o dever de praticar entre eles a correcção fraterna, sem distinção de categoria; no que se refere ao comendador dever-se-á usar o do maior respeito e sem insistir. Todavia se se averiguar que ele violou deliberadamente um dos pontos da Regra, é necessário chamá-lo ao seu superior, a quem todos se devem submeter. Quanto ao Capelão, por respeito pelo seu carácter sacerdotal, ninguém ousará corrigi-lo; todavia o comendador expor-lhe-á com franqueza e humildade o que pode ter de lhe censurar. Pode mesmo recorrer em seguida ao Capelão superior, ao Prior ou ao Mestre, se for necessário. Que o Capelão vele para não ultrapassar os seus direitos, mas que dê a todos o exemplo de uma vida santa e digna do seu sacerdócio. *E assim todos os membros estarão em paz*⁹⁹.

⁹⁷ Mt. XVIII, 15

⁹⁸ Efes. IV, 26

⁹⁹ Regra de S. Bento, c. 34

CAPÍTULO VII

DA PENITÊNCIA

1. Ninguém pode viver em plenitude a vida de Cristo, se não renuncia ao gozo egoísta dos bens da terra. O próprio Senhor nos convida a isso quando diz: *Se alguém quer ser o meu discípulo, renuncie a si mesmo, carregue a sua cruz e siga-me*¹⁰⁰.

A penitência é antes de tudo conversão do pecado à justiça. É o reconhecimento humilde, explícito e eficaz dos pecados cometidos contra a Majestade divina; o homem, excluído pela sua revolta da herança celeste, tornou-se por sua vez indigno e incapaz de usar segundo Deus das coisas criadas. A única atitude possível, é com o arrependimento e o firme propósito de tornar a Deus, uma adesão confiante a Cristo morto sobre a Cruz para destruir o homem velho¹⁰¹.

Reproduzindo por um lado na sua carne a morte vivificadora de Jesus, o Cristão penitente disciplina a sua natureza rebelde, destaca-se pouco a pouco deste mundo *onde nós não temos cidade permanente*¹⁰², para ser cada vez mais verdadeiramente súbdito do reino que há de vir, e dispõe-se assim a receber com maior abundância a graça divina para ele e para toda a Igreja.

2. Os Cavaleiros de Nossa Senhora porão valentemente em acção contra o Príncipe deste mundo esta arma temível tão frequentemente recomendada pela Santíssima Virgem a seus filhos.

Se a mortificação deve antes de tudo ser espiritual, pois é o espírito que vivifica¹⁰³, deve também para não ser ilusória, manifestar-se em práticas concretas. A Escritura e a tradição ensinam as mais fundamentais, que consistem em suprimir alguma coisa à alimentação, ao sono e ao conforto, a fim de combater eficazmente a tendência inveterada da nossa natureza caída, a instalar-se cá em baixo. Pois que é antes de tudo de liberdade espiritual de que se trata, se é necessário ser livre em relação às exigências invasoras da natureza perdida, por maioria de razão é preciso libertar-se das modas e das coacções do pretenso progresso moderno cujo uso imoderado e sem necessidade é contrário tanto à paz de espírito e à clareza de inteligência como à intimidade do lar.

Em tudo isto, cada um agirá com prudência e discrição e segundo as orientações do seu director espiritual. Mas não se deixará levar pelos sofismas do pseudo-humanismo, lembrando-se que o homem não atinge a sua plenitude senão em Cristo morto e ressuscitado, e vivendo para uma vida nova.

3. É preciso não deixar de fazer em todo o tempo uma certa mortificação, mas a Quaresma é para todos a ocasião de intensificar a oração e a penitência, para que

¹⁰⁰ Mt. XVI, 24

¹⁰¹ cf. Rom. VI, 6

¹⁰² Hebr. XIII, 14

¹⁰³ Jo. VI, 64

apague nestes dias santos as faltas do ano. Esforçar-se-á por assistir à missa mais frequentemente, se é possível; aplicar-se mais vezes a leitura sagrada, e suprimir algumas das distrações legítimas que ficam bem noutras ocasiões do ano.

*Espera-se assim a santa Páscoa com alegria de um desejo completamente espiritual*¹⁰⁴.

4. O sacramento da penitência é um banho vivificante no Sangue de Cristo que nos purifica de todo o pecado e dá à alma o brilho da beleza espiritual. Os freires aproximar-se-ão dela freqüentes vezes na alegria do Espírito Santo.

5. O pensamento da morte é familiar ao cavaleiro, mesmo fora dos perigos da guerra. É bom que se habitue a olhar a morte de frente, sem medo nem amargura, pois que o Senhor a saboreou antes de nós e por ela nos resgatou. Com efeito, *para os fiéis a vida não se acaba, apenas se transforma*¹⁰⁵, e depois das trevas deste mundo vem a luz do Reino.

6. Os freires lembrar-se-ão enfim que a penitência é, com a oração, a condição de salvação das almas como das cidades; porque o Senhor declarou: *se não fizerdes penitência morrereis todos*¹⁰⁶. E o escritor sagrado, inspirado pelo Espírito Santo, conta como Deus perdoou a Nínive, porque os seus habitantes fizeram penitência¹⁰⁷.

Que eles tenham também, sempre diante dos olhos, para os encorajar, a imagem da Imaculada de pé junto da Cruz.

¹⁰⁴ Regra de S. Bento, c. 49 – Vaticano II, Constituição sobre a S. Liturgia, 109, 110.

¹⁰⁵ Prefácio dos Defuntos

¹⁰⁶ Lc. XIII, 5

¹⁰⁷ Jonas, III, 1-10

CAPÍTULO VIII

DAS FESTAS DA ORDEM

1. Os Cavaleiros de Nossa Senhora, votados ao serviço da Igreja e da cristandade, celebrarão antes de tudo com fervor as grandes solenidades do ano litúrgico: Natal e a Epifania, Páscoa, Ascensão e o Pentecostes. Mas como são comuns a todos os Cristãos, acrescentar-se-ão doze festas próprias.

Uma festa solene:

- 1) A Assunção da Bem-aventurada Virgem Maria Mãe de Deus e Rainha do mundo, titular da Catedral de Chartres (15 de Agosto).

Cinco festas maiores:

- 2) Cristo-Rei (último domingo “per annum”);
- 3) Sagrado Coração de Nosso Senhor Jesus Cristo (sexta-feira depois do II domingo de Pentecostes);
- 4) Imaculada Conceição da Bem-aventurada Virgem Maria (8 de Dezembro);
- 5) S. Miguel Arcanjo, príncipe da milícia Celeste e Grão-Mestre da Ordem (29 de Setembro);
- 6) Natividade de S. João Baptista, Precursor do Senhor e Patrono da Cavalaria (24 de Junho);

Seis Festas Menores:

- 7) S. José, Esposo da Virgem e Patrono da Igreja universal (1 de Maio);
- 8) S. Jorge, Patrono da Cavalaria (23 de Abril);
- 9) S. Bento, Abade e Patriarca dos Monges do Ocidentes (11 de Junho);
- 10) S. Bernardo de Claraval, Pai dos Cistercienses e dos templários (20 de Agosto);
- 11) S. Luís Maria Grignon de Montfort , autor da verdadeira devoção à Santíssima Virgem (28 de Abril);
- 12) Santa Joana D’Arc, enviada de Deus para instaurar o Reino de Cristo (30 de Maio).

Além disso, todas as festas de Nossa Senhora inscritas no Calendário da Igreja Universal serão honradas pelos irmãos. Cada Priorado, cada Comendadoria poderá celebrar a festa do seu Santo Patrono e alguns santos locais.

2. Na festa solene e nas festas maiores, os irmãos ouvirão Missa e comungarão, se possível em comum e das mãos do seu Capelão.

Nas festas menores, esforçar-se-ão por fazer o mesmo, mas sem obrigação nenhuma.

Enfim, escolher-se-ão estas festas de preferência a qualquer outra para profissões e as cerimônias de armar cavaleiros, para as recepções, para os capítulos, e em geral para toda a reunião ou actividade comum da Ordem.

Em todas as cerimônias da Ordem, os Irmãos vestirão o hábito da Ordem, os Cavaleiros trazendo o manto branco com a cruz azul. Todos terão grande cuidado com o hábito e tratá-lo-ão com respeito segundo o preceito da Regra dos templários: *Cada irmão deverá trazer com honra o seu manto*. O hábito da Ordem, que deverá sempre guardar a sua nobre simplicidade, é com efeito o sinal da Consagração a Nossa Senhora para o Serviço da Cavalaria¹⁰⁸.

3. Os irmãos aplicar-se-ão a meditar o ensino que contém cada uma destas festas, para que o ponham em prática na sua própria vida e na da Ordem.

¹⁰⁸ cf. Vaticano II, PERFECTAE CARITATIS, 17

CAPÍTULO IX

DA SANTA MISSA

1. A participação quotidiana no Santo Sacrifício era um uso geralmente espalhado entre os antigos cavaleiros, tanto seculares como regulares; é uma perfeição para a qual cada um deve tender hoje com todas as suas forças. Quanto mais nos elevarmos na vida espiritual, mais sentimos a necessidade de ir cada dia à fonte bendita, de onde decorre toda a bênção para a Igreja e para o mundo.
2. Os membros da Ordem não são contudo obrigados estritamente a ouvir Missa senão uma vez por semana além da de domingo, no dia que lhes for indicado em Capítulo pelo comendador tendo em conta as suas possibilidades. O Comendador estabelece o quadro da *Obra de Deus* de tal modo que cada dia um irmão pelo menos seja oficialmente delegado para representar a sua comunidade diante do Altar do rei dos Anjos.
3. Nos dias em que não assistem à Santa Missa os irmãos fazem, na medida do possível, uma visita ao Santíssimo Sacramento.
4. Os irmãos poderão também, com muito fruto, participar realmente e plenamente no sacrifício de Cristo recebendo quotidianamente a Sagrada Comunhão¹⁰⁹; assim, não somente consolidarão a sua união pessoal com Cristo, mas ainda contribuirão eficazmente para a edificação do Seu Corpo Místico, isto é, a tornar a Igreja de Deus sempre mais uma, mais santa, mais forte e mais bela até ao regresso glorioso do Seu Esposo.
5. No domingo e nas grandes festas, principalmente na Páscoa e no Natal, os Ofícios cantados, sobretudo em latim e em gregoriano, em todo o seu esplendor tradicional terão a preferência dos Cavaleiros de Nossa Senhora; e isto é, não somente por causa da sua beleza estética, mas pela sua incomparável riqueza sobrenatural¹¹⁰.
6. Que todos compreendam pois, o imenso valor da Santa Missa, e que façam dela, a exemplo dos primeiros cristãos e dos antigos cavaleiros, o ponto culminante do seu dia e da sua vida.

¹⁰⁹ Decreto de S. Pio V X, 20-XII-1905, Vaticano II, S. Liturgia, 55

¹¹⁰ Vaticano II, S. Liturgia, 54, 113, 116

CAPÍTULO X

DAS HORAS DE NOSSA SENHORA

1. Os Cavaleiros da Ordem de Santa Maria devem viver profundamente da vida da Igreja pela Liturgia, concebida como a oração cristã por excelência mais perfeita que todas as outras formas de oração, porque ela é a própria voz da Esposa infinitamente amada de Cristo¹¹¹.
2. Depois da Missa, o Ofício de Nossa Senhora é pois o seu principal tributo de louvor ao Senhor, e cumpri-lo-ão com fidelidade, seguindo nisso o preceito do Patriarca dos Monges do Ocidente: *Nada preferir à obra de Deus*¹¹².
3. Cada cavaleiro está pois estritamente obrigado à recitação integral do Ofício durante a semana, à razão de uma hora litúrgica por dia, durante a qual ele reza em nome de todos os irmãos que podem assim unir-se a ele. No capítulo o comendador indica a cada um a sua hora quotidiana estabelecendo o quadro da *Obra de Deus*. O Ofício deve ser recitado integralmente cada dia pelo conjunto da comendadoria.
4. Todavia, os freires não se devem contentar com o mínimo exigido pela Regra. Exercitar-se-ão pois pouco a pouco a dizer todas as horas, o que atrairá sobre eles e sobre a Ordem as bênçãos de nossa Senhora.
5. Os freires esforçar-se-ão tanto quanto possível por recitar o Ofício no tempo prescrito, agrupando as Horas à volta dos principais acontecimentos. *Matinas*, de manhã ou na véspera à noite; *Laudes* (ou *Prima*) no começo do dia, de preferência antes da Missa; *Tércia*, cerca das dez horas; *Sexta*, antes do almoço; *Noa*, depois da refeição; *Vésperas*, antes do jantar; *Completa*s, antes de deitar.

As horas de Nossa Senhora começando assim o dia do Cavaleiro, consagram os momentos principais e terminam-no porque *Nossa Senhora esteve na origem da nossa Ordem; para ela e para sua honra será, se agradar a Deus, o fim das nossas vidas e o fim da nossa Ordem, quando Deus quiser que assim seja*¹¹³.

6. Quando se encontrarem dois ou mais reunidos no momento prescrito para uma hora, salmodia-lo-ão conformando-se com os ritos tradicionais, se a disposição do lugar permitir. Se se celebrar nesse dia uma festa da Ordem ou de Nossa Senhora, seria bom poder cantá-lo. Os que tiverem assistido a uma hora qualquer do Ofício Canónico não serão obrigados a recitar a Hora correspondente do Ofício de Nossa Senhora.

Do mesmo modo, se algum freire prefere dizer em provado o Breviário Romano ou Monástico, poderá fazê-lo conformando-se todavia ao quadro da Obra de Deus.

¹¹¹ Ibid. 83

¹¹² Regra de S. Bento, c. 19

¹¹³ Regra dos Templários, "Retrais", 63

7. Os freires que pertençam a um dos ritos orientais recitarão o seu próprio Ofício em honra da Santíssima Mãe de Deus; no rito bizantino não se omitirá o hino de acatista.

CAPÍTULO XI

DA ORAÇÃO

1. Se toda a vida do Cavaleiro de Nossa Senhora deve ser feita de adesão tranquila da alma a Deus para o procurar em todas as coisas e cumprir a sua santa vontade, convém contudo reservar um ou mais momentos do dia à oração mental.
2. Os freires não estão sujeitos a nenhum método propriamente dito mas a sua oração, a exemplo da de Nossa Senhora, brotará espontaneamente do seu coração, alimentada pela Sagrada Escritura e pela Liturgia.
3. Fá-la-ão curta, para não se distraírem¹¹⁴, *salvo se a graça da inspiração divina não os impedir de a prolongar, por afectação*¹¹⁵, *porque é preciso, por assim dizer, arrancá-la depressa das fauces do inimigo enquanto está ainda muito fervorosa*¹¹⁶. *E saberão bem que não é pela multidão das palavras que serão atendidos, mas pela pureza de coração e pelas lágrimas de compunção*¹¹⁷.
4. Lembrar-se-ão ainda deste princípio: *Aquele que só reza quando está de joelhos, reza pouco. Mas aquele que, quando está de joelhos, se abandona a todas as distracções, nada reza*¹¹⁸.
5. Também, além do tempo consagrado à oração, aplicar-se-ão, desde que tenham o espírito livre – quer seja durante o manual, quer durante as idas e vindas – a meditar docemente no seu coração a Palavra de Deus e os Mistérios da Fé, e a semear o seu dia de orações, jaculatórias tais como a Oração do Nome de Jesus e a invocação *Oh! Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a Vós*. Assim, terão neles os mesmos sentimentos que Jesus Cristo¹¹⁹, e cumprirão o preceito do Apóstolo: *Orai sem cessar*¹²⁰.
6. Os freires farão cada ano um retiro fechado de vários dias num mosteiro, a fim de ter parte nas graças abundantes que irradiam desses lares benfeitores de oração. Aprenderão assim, no silêncio e no recolhimento da solicitude monástica a melhor compreender a sua vocação e a responder-lhe cada vez mais com generosidade.

¹¹⁴ CASSIEN, “Conférences” IX, 36

¹¹⁵ Regra de S. Bento, c. 20

¹¹⁶ CASSIEN, “Institutiones” II, 10

¹¹⁷ Regra de S. Bento, c. 20

¹¹⁸ CASSIEN, “Conférences” X, 14

¹¹⁹ Fil. II, 5

¹²⁰ I Tel. V, 17, cf. Lc. XVIII, 1

CAPÍTULO XII

DA LEITURA ESPIRITUAL

1. Que a oração conduza à santa leitura e que a santa leitura conduza à oração¹²¹ para que jamais se interrompa o diálogo da alma com Deus. Rezar com efeito, é falar com o Senhor, mas ler as Escrituras, é ouvi-lo.

Os freires procurarão pois na Palavra de Deus, não um simples meio de chegar à oração, mas o fundamento da sua vida espiritual, o princípio da adoração em espírito e em verdade.

2. Não se pode pretender a compreensão das Sagradas Letras sem a pureza do coração que supõe uma vida sem mácula: porque a *Escritura é compreendida por cada um segundo as disposições em que se encontra*¹²²: ela parece terrestre aos carnis e divina aos espirituais.

Além do mais é necessário ler a Palavra de Deus com o próprio espírito da Igreja, que, só, porque ela é Esposa de Cristo, lhe apreende perfeitamente e integralmente o sentido. Para este fim, utilizar-se-ão com proveito os comentários dos Santos Padres e dos escritores eclesiásticos, os textos inseridos no Ofício divino com a sua interpretação litúrgica, e também os trabalhos de exegese científica aprovados pela Igreja¹²³. Quanto às obras de teologia e de espiritualidade e às vidas dos santos, serão como que a ilustração do texto sagrado.

Enfim, antes de cada leitura, é preciso invocar instantemente o Autor das Escrituras para nos desvendar o *sentido profundo na letra exterior*¹²⁴.

3. Assim preparados, os freires abrirão a Sagrada Bíblia penetrados de um grande respeito e animados do vivo desejo de comunicar com a Sabedoria divina. Lerão em companhia de Nossa Senhora, com a sua simplicidade, a sua humildade, a sua caridade. Porão no seu coração aquela escada mística que Jacob viu em Betel, e que ligava o Céu à terra¹²⁵:

- O primeiro degrau é a leitura atenta e recolhida do texto sagrado;
- O segundo é a sua meditação, pela qual nós aplicamos a nossa inteligência e o nosso coração para penetrar no sentido literal e completo;
- O terceiro, a alma saboreia a suavidade da Palavra e se perde em louvores, em acções de graças, em pedidos e em arrependimento: é a oração;
- O quarto degrau é a contemplação que nos faz gozar da sabedoria infinitamente variada de Deus na unidade dum simples olhar.

¹²¹ S. Jeronimo, cf. Vaticano II, Rév. Divine, n. 21

¹²² CASSIEN, "Conférences" XIV

¹²³ cf. Pio XII, Enc. "DIVINO AFFLANTE", Vaticano II, Rév. div. n. 23

¹²⁴ S. Bernardo

¹²⁵ Gen. XXVIII, 10-22

Os anjos que sobem e descem ao longo desta escada representam os estados da alma que passa continuamente de um degrau para o outro sob o influxo do Espírito Santo.

Aquele que repousa junto desta escada habita na verdade Betel, na casa de Deus, e goza verdadeiramente da amizade divina e da companhia dos Anjos.

4. Segundo os desejos dos Soberanos Pontífices e do Concílio Vaticano II¹²⁶, alimentar-se-ão freqüente e abundantemente da Palavra de Deus: seguirão tanto quanto possível na leitura a ordem dos Livros Santos estabelecidos pela Igreja para as diferentes épocas do ano litúrgico.

Deixar-se-ão transformar pouco a pouco por esta Palavra que *é viva, eficaz, mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes, tão penetrante que pode separar a alma do espírito, as articulações e as medulas, e discerne os pensamentos e intenções do coração*¹²⁷, e cuja virtude aparece brilhante e inefável quando o amor divino penetra a alma daquele que a leu¹²⁸.

5. Quanto a esta regra, os irmãos lerão algumas passagens todas as semanas, aplicando-se a penetrar-lhe o espírito e a guardar-lhe a letra. *Porque aquele que é fiel nas coisas pequenas também o é nas grandes*¹²⁹.

¹²⁶ “Divino Afflante”, 13, 14, 44. Rév. div., 25

¹²⁷ Heb. IV, 12

¹²⁸ SMARAGDE, “Diadème des moins”, ch. 3

¹²⁹ Lc. XVI, 10

CAPÍTULO XIII

DO ROSÁRIO, DA COROA EVANGÉLICA E DO ANGELUS

1. Os freires dirão pelo menos um Rosário por semana em todos os lugares e em todas as circunstâncias. Meditarão os mistérios e escutarão Nossa Senhora.

Recitar o Rosário é realmente fazer companhia à Santa Mãe de Deus e participar no triunfo daquela que é chamada *vencedora de todas as batalhas de Deus*¹³⁰, e que, por este mesmo Rosário, deu várias vezes a vitória a seus filhos sobre os infiéis¹³¹.

2. Todas as quartas-feiras e nas Festas dos Santos Anjos, é lhe recomendado recitar a coroa angélica ou terço de S. Miguel. Convém com efeito no mais elevado grau que os Cavaleiros de Nossa Senhora vivam habitualmente na presença dos Anjos de Deus, e recorram a eles sem cessar pela oração e pelo combate, implorando a sua ajuda para a conversão das nações e das comunidades humanas.

Estes seres sublimes que cantavam em coro na ocasião da criação do mundo visível¹³², cume da beleza criada depois de Jesus e Maria, tronos da divindade¹³³ e contempladores da sua Face¹³⁴, Príncipes e governadores do mundo e das nações¹³⁵, não hesitaram em lançar a sua coroa aos pés de Cristo-Rei¹³⁶, e foram feitos por amor para com ele e Sua Santa Mãe os servidores de nossa salvação e nossos companheiros no serviço¹³⁷. Como serviram a Cristo durante a Sua vida terrestre¹³⁸, dignaram-se velar sobre os fiéis, participar nas suas liturgias¹³⁹, iluminar os seus espíritos na oração¹⁴⁰, afastar as ciladas do demónio¹⁴¹. Prepararam assim no meio do mundo a vinda do Rei Jesus que escoltarão no Dia de Sua Parusia¹⁴².

O terço de S. Miguel, invocando os três Arcanjos e as santas hierarquias, e suplicando a Rainha dos Anjos, ajudará imenso os freires a viver em Espírito na Cidade Celeste, e revesti-lo-á das armas da luz¹⁴³ para vencer a tentação e expulsar o diabo.

¹³⁰ Pio XII

¹³¹ Notamment à LEPANT em 1571

¹³² Job. XXXVIII, 7

¹³³ cf. II Reis XIX, 15; Sal. LXXIX, 2; XCVIII, 1; Is. XXXVIII, 16; Col. I, 16

¹³⁴ Cf. Tob. XII, 15; Mt. XVIII, 10

¹³⁵ Cf. Daniel X, 13, 20-21; Dt. XXXII, 8

¹³⁶ Apoc. IV, 10

¹³⁷ Apoc. XIX, 10 e XXII, 9

¹³⁸ Mt. IV, 11; Lc. XXII, 43

¹³⁹ Cf. Erik PETERSON "Le livre des Anges" I.^a e II.^a parte

¹⁴⁰ Doutrina Comum dos Padres, especialmente Clemente

¹⁴¹ Liturgia - Preces de Exorcismo

¹⁴² Mt. XVI, 27 e paralelos

¹⁴³ Rom. XIII, 12

3. Quanto ao Angelus, pertence incontestavelmente à tradição da Cavalaria. Esta graciosa saudação é particularmente recomendada aos Cavaleiros de Santa Maria.

CAPÍTULO XIV

DA DELICADEZA DE QUE É PRECISO RODEAR

A SANTA MÃE DE DEUS

1. Para serem frutuosos, todos os exercícios regulares, devem ser cumpridos em espírito de louvor divino e mariano, e como diz S. Bento¹⁴⁴: *Lembraí-vos sem cessar do que diz o profeta: Fazei o serviço do Senhor com temor. E ainda: salmodiai com docilidade e Eu contar-vos-ei no número dos Anjos*¹⁴⁵.

2. O Cavaleiro deve pois ter uma preocupação constante: louvar a Nossa Senhora. Além das práticas enumeradas acima, o seu amor profundo e delicado traduzir-se-á por um certo número de gestos discretos tais como: na Igreja, depois da genuflexão, fará uma saudação inclinando-se ligeiramente em direcção de alguma imagem de Maria Santíssima; ao acordar o seu primeiro pensamento será para Nossa Senhora, dirá AVE-MARIA; ao longo do Ofício fará uma vênia todas as vezes que encontrar o dulcíssimo nome de Maria; toda a oração como toda a acção importante do dia começará pelo versículo e seu responso:

V. DIGNARE ME LAUDARE TE VIRGO, VIRGO SACRATA!

R. DA MIHI VIRTUTEM CONTRA HOSTES TUOS.

Trará sempre consigo e medalha milagrosa, testemunho da sua fidelidade à sua Rainha.

3. Nas festas de Nossa Senhora, os cavaleiros farão à sua Dama uma oferta suplementar, uma oração ou qualquer gentileza e cortezia que lhe for inspirada pelo Espírito Santo. Tentarão ainda encontrar outros sinais do seu amor, O sorriso de Nossa Senhora, graça acompanhada de mil bênçãos, dom de paz e de caridade, recompensá-los-á.

¹⁴⁴ Regra, ch. 19

¹⁴⁵ Sal. II, 11; XLVI, 8; CXXXVII, 2

CAPÍTULO XV

DA ASSISTÊNCIA AOS CAPÍTULOS

1. Os freires assistirão aos capítulos da Ordem todas as vezes que sejam solicitados pela autoridade competente; se estão impedidos por causa grave, não esquecerão de solicitar uma dispensa em tempo oportuno ou, em caso de impossibilidade, de se desculpar sem demora; porque a boa educação é para um cavaleiro uma manifestação espontânea da caridade fraterna. Os capítulos de Comendadorias terão lugar pelo menos uma vez por mês; ter-se-á cuidado, tanto quanto possível, de prevenir os freires pelo menos com oito dias de antecedência antes da data prevista. Esta data será escolhida pelo Comendador com o acordo do Capelão, tendo em conta as possibilidades da maioria.

2. O Capítulo começará pela oração. Um dos freires lerá uma passagem da presente Regra, que será comentada pelo Comendador ou pelo Capelão. O Comendador dará em seguida notícias da Ordem e tratará das questões da ordem do dia que possam interessar o conjunto da comunidade; ouvirá os relatos da actividade e distribuirá as diversas tarefas a cumprir até ao próximo Capítulo. O Capelão dirá por fim as orações prescritas, e depois da recitação alternada do Código de Honra dará a sua bênção. Se a reunião capitular deve seguir imediatamente, o Comendador dirá *Loquamur de ordine nostro*, e todos aqueles que não são capitulares sairão. O Comendador tratará das questões reservadas a esta reunião, e aconselhar-se-á para as decisões respeitantes ao governo da Comendadoria. Em seguida virá a declaração das faltas à Regra: os Freires de armas e os escudeiros primeiro, depois os Donatos e os Cavaleiros. O Capelão imporá uma ligeira reparação, como está dito no capítulo da correcção fraterna. Depois do que se termina pelo versículo *Adjuntorium nostrum*.

Excepto os postulantes, ninguém estranho a Militia pode assistir a um capítulo sem o convite do Comendador. Tudo o que for dito ao longo do Capítulo e sobretudo da reunião capitular, deve ser tratado como confidencial, de acordo com o uso monástico e cavaleiresco¹⁴⁶ salvo todavia para com a Hierarquia Eclesiástica.

3. Os freires devem saber que um Capítulo não é uma reunião vulgar onde se trata de questões mundanas, nem ocasião de discorrer não importa sobre que assunto seguindo unicamente cada qual as suas ideias pessoais, mas que se trata de uma reunião santa, sob o olhar de Deus, para o exame das questões relativas ao Seu Reino.

Cada um velará pois guardar um comportamento exterior irrepreensível, e abster-se de toda conversa privada, e a ficar em silêncio absoluto durante a leitura da Regra e o comentário que se lhe segue.

Os freires que solicitam e obtiverem a palavra exprimir-se-ão claramente, com moderação e sem gritaria; se acontecer que entre dois de entre eles sejam de opinião

¹⁴⁶ Regras dos Templários “Retrais”

diferente sobre uma questão estudada no capítulo, tocando por exemplo uma actividade nova a empreender ou não, defenderão o seu ponto de vista com calma e caridade, sem azedume nem orgulho, submeter-se-ão de boamente a decisão do Comendador qualquer que ela seja, Pois aquele que permanece na humildade e na obediência está certo de jamais se enganar.

CAPÍTULO XVI

DO TRABALHO DO CORPO E DO ESPÍRITO

1. Os cavaleiros de Santa Maria sabem que o homem é ao mesmo tempo *corpo, alma e espírito*¹⁴⁷. O corpo humano é a epifania da alma e o templo do Espírito Santo¹⁴⁸; deve pois ser puro, ágil e belo em toda a medida do possível. Deve manifestar a todos por suas atitudes simultaneamente simples e nobres, perfeitamente harmonizadas com os sentimentos da alma, o esplendor da graça *derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que tudo nos deu*¹⁴⁹.
2. O Cavaleiro de Santa Maria reza com o seu corpo, e não apesar dele; santifica-se nele e por seu corpo, não contra ele. Conhece o valor do gesto na liturgia e na vida espiritual; evita com cuidado os gestos automáticos e vazios que são outras tantas profanações do corpo: a sua genuflexão é um acto de adoração, e quando reza em pé, honra em espírito e verdade a Ressurreição do Senhor, e a sua que há de vir.
3. O Cavaleiro de Santa Maria tem estima pelo trabalho manual; mesmo e sobretudo se o seu dever de estado não o comporta, aplica-se a ele de boamente, afim de repousar o seu espírito, de exercitar a habilidade corporal, e de imitar o Senhor Jesus em Nazaré.
4. Normalmente, um Cavaleiro de Santa Maria deve estar pronto a cumprir toda a missão e a enfrentar qualquer situação, mesmo a mais inesperada e a mais perigosa, para serviço e defesa da Igreja e da civilização cristã. Uma tal disponibilidade supõe um treino físico e moral constante e metódico, sobretudo nos freires mais jovens. Os dignatários velarão com cuidado para que tal treino não se abrande.
5. Por outro lado, a vida espiritual dos freires assim como a sua acção exterior exige uma cultura humana e religiosa cada vez maior. Submeter-se-ão assiduamente ao estudo da teologia e da Sagrada Escritura, da história profana e eclesiástica, da tradição cavaleiresca e das instituições da cristandade, do ensinamento político e social dos Romanos Pontífices¹⁵⁰.
6. Os fins da Ordem devem ser prosseguidos por meios concretos. Nenhum freire se pode contentar com uma boa vontade que não se traduza em acto. Cada Cavaleiro escolherá pois uma actividade especial, com o acordo dos dignatários competentes, tendo em conta as necessidades do momento, os seus gostos e afinidades, a sua cultura geral e as suas possibilidades materiais. Empreenderá então estudo de base e agrupar-se-á para a acção com aqueles que escolheram o mesmo assunto.

¹⁴⁷ I Tess. V, 23

¹⁴⁸ I Cor. VI, 19

¹⁴⁹ Rom. V, 5

¹⁵⁰ Vaticano II, Apost. dos Leigos, n. 29

CAPÍTULO XVII

DA VIDA FAMILIAR DOS CAVALEIROS

1. Os Cavaleiros de Santa Maria terão em grande estima o casamento cristão instituído pelo próprio Deus, e elevado por Ele à dignidade de símbolo da união de Cristo com a Santa Igreja. Que eles amem pois a sua mulher *como Cristo amou a Igreja e se entregou Ele mesmo por ela... para a fazer diante d'Ele gloriosa, sem mácula, sem ruga nem nada de semelhante, mas santa e imaculada*¹⁵¹; do mesmo modo, que as mulheres amem o seu marido e *lhes sejam submissas como ao Senhor; porque o Marido é o chefe da mulher, como Cristo é o chefe da Igreja*¹⁵². O seu amor assim seja projectado até Deus atingirá a plenitude do seu significado e atrairá sobre o seu lar as bênçãos do Altíssimo.

2. Os Cavaleiros que são chefes de família devem esforçar-se por dar à família a sua verdadeira fisionomia e o seu valor tradicional sabendo desempenhar o seu papel de Pai, primeira e legitimamente estabelecida por Deus. Imagem da Paternidade divina, a família é, com efeito, a célula inicial da sociedade e o Pai é nela uma espécie de *Sacerdote e Rei*¹⁵³.

3. Consagrarão ao Sagrado Coração de Jesus e ao Imaculado Coração de Maria o seu lar, para que aí reinem a Paz e o seu Amor. Honrarão S. José, filho de David¹⁵⁴ e chefe da Sagrada Família, primeiro Cavaleiro servidor da Rainha do Céu. Darão à sua família uma vida espiritual profunda por meio das práticas tradicionais. Instaurarão em sua casa as orações em comum, pelo menos a da noite; esta poderá começar por uma leitura da Bíblia em voz alta, seguida de um curto momento de meditação silenciosa, depois a oração dominical e a saudação angélica ditas lenta e religiosamente pelo pai, a não ser que rezem Completas; em seguida dir-se-ão as intenções particulares e terminar-se-á pela Oração da Missa do dia. Rezar-se-á de joelhos durante a semana e de pé no sábado e no domingo, assim como durante o tempo pascal em honra da Ressurreição do Senhor.

Os freires dirão ainda a bênção da mesa, abençoarão à noite a sua mulher e os seus filhos, enfim, restaurarão a maior parte dos ritos da liturgia familiar de nossos antepassados.

Vigiarão pela protecção do seu lar, contra as intrusões do mundo profano porque é um santuário que não deve ser conspurcado¹⁵⁵.

¹⁵¹ Ef. V, 25-27

¹⁵² Ibid. 22-33

¹⁵³ Apoc. I, 6; V, 10

¹⁵⁴ Mt. I, 20

¹⁵⁵ Cf. por tudo o capítulo Vaticano II, Apost. dos Leigos, n. 11

4. Todo o acontecimento de alguma importância na vida da Família será acompanhado de orações e de acções de graças, e associar-se-ão nelas outros cavaleiros, pois todos são irmãos e *membros uns dos outros*¹⁵⁶.

5. Arranjarão, se for possível, um local da casa como oratório. Ensinarão aos filhos os primeiros rudimentos da Fé, segundo as palavras do salmista: *Aquilo que os nossos pais nos contaram, não o esconderemos ao seus descendentes; diremos aos vindouros os louvores do Senhor e o Seu poder, e os prodígios que Ele operou*¹⁵⁷.

¹⁵⁶ Ef. IV, 25

¹⁵⁷ Sl. LXXVII, 3-4

CAPÍTULO XVIII

DOS DEVERES DOS CAVALEIROS PARA COM O PRÓXIMO

1. Em face do próximo e da sociedade em geral, o cavaleiro compromete-se a fazer reinar a justiça, o que é propriamente o seu papel:

- A intervir sempre e em todo o lado, com uma justa prudência, quando se trata de defender a verdade em geral e a Fé em particular, segundo o preceito do Apóstolo que *recomenda insistir a tempo e a contra-tempo*¹⁵⁸, expressão que é divisa da Ordem: e a fim de obedecer a esta outra advertência da Sagrada Escritura: *Até a morte, combate pela verdade, e o Senhor Deus combaterá por ti*¹⁵⁹.

- A não deixar oprimir ninguém, mas a defender em todo o lado e sempre, na medida dos seus meios, o fraco, a viúva e o órfão contra os seus opressores, mesmo e sobretudo se estes últimos forem poderosos.

- A não deixar caluniar ninguém.

- A Não deixar ninguém blasfemar.

- A ensinar ao mundo, principalmente pelo exemplo duma vida *sem medo e sem mancha*¹⁶⁰, a verdadeira natureza da honra que é a prática da fidelidade na humanidade.

- Manter a palavra dada livremente.

- *A agir de tal modo que em todas as coisas Deus seja glorificado*¹⁶¹.

2. Para com o seu dever de estado profissional, os cavaleiros devem medir exactamente a extensão das exigências da sua vocação.

Mostrem-se pois cristãos perfeitos, desejosos de imitar Cristo na sua vida laboriosa de Nazaré, a fim de oferecer a Deus o seu trabalho e o dos outros em sacrifício de louvor.

Como Cristo, amarão o trabalho bem feito que procede do amor.

Os que tiverem o cargo de serem chefes serão de uma honestidade e de uma integridade perfeitas, porque *a balança falsa é um horror para o Senhor, mas o peso justo lhe é agradável*¹⁶².

Serão sempre justos e equitativos, vigiarão *por dar a cada um segundo as suas necessidades*¹⁶³.

¹⁵⁸ II Tim. IV, 2

¹⁵⁹ Eccl. IV, 28 (LXX), Vulg. IV, 33: "Pro justitia"

¹⁶⁰ Devisa do Calaeiro BAYARD

¹⁶¹ Regra de S. Bento, ch. 57

¹⁶² Prov. XI< 1

¹⁶³ Actos IV, 35

Amarão acima de tudo a verdade; nada de lisonjas nos seus discursos ou no seu comportamento, porque o Apóstolo disse: *Se procurasse agradar aos homens, não seria servo de Cristo*¹⁶⁴.

É por isso que amarão verdadeiramente os seus companheiros de trabalho, procurando sinceramente o bem comum e lembrando-se sem cessar da palavra de S. Paulo: *Que a vossa caridade seja sem hipocrisia*¹⁶⁵.

Resolver-se-ão enfim a aplicar integralmente e a fazer aplicar a doutrina social da Igreja tal qual se encontra nas encíclicas do Soberano Pontífice.

3. Ao combater para defender a Fé, quer por palavras, quer por escrito, quer de qualquer outro modo, os cavaleiros de Santa Maria lembrar-se-ão que a mais santa das causas não deve ser profanada por meios indignos de um soldado de Cristo que recebeu de seu Senhor a ordem de amar os seus inimigos¹⁶⁶.

Através do adversário visível, é o inimigo invisível que deve ser perseguido; ora este não pode ser deitado por terra senão pela Verdade, Justiça e Amor. O combate cavaleiresco exclui absolutamente o ódio, sob qualquer aparência legítima de caridade que se apresente, porque ele precede da Caridade bem entendida, e toma exemplo no Senhor expulsando os vendilhões do templo¹⁶⁷ com a doçura do Cordeiro no coração e o vigor do leão no braço.

Os Cavaleiros devem preparar-se para as batalhas de Deus pela oração e penitência, a caridade e humildade, pedindo instantemente a protecção da sua Dama, *terrível como esquadrão em ordem de batalha*¹⁶⁸. Que se humilhem antes de tudo, considerando-o quanto são indignos de combater pelo Reino de Deus, eles que ainda não conseguiram submeter-se a ele perfeitamente. Que não ponham a sua confiança nas suas próprias forças, mas que esperem no Senhor dos Exércitos de quem só vem a vitória.

Mas no combate nada devem negligenciar do que é humanamente necessário para vencer os seus adversários. Devem também manter neles uma santa indignação ao verem os ataques diabólicos contra a Igreja, um salutar horror dos poderes tenebrosos deste mundo, uma invencível aversão da mentira e do erro.

E quando o momento de combater chegar que imitem os templários que S. Bernardo louvava: *Esquecendo a sua doçura natural, parecem exclamar com o salmista: Não tenho odiado, Senhor, aqueles que vos odeiam, não tenho secado de dor ao ver os vossos inimigos?*¹⁶⁹

Que eles continuem contudo sempre Senhores de si próprios, e mesmo se o adversário empregar processos desonestos, que não o imitem, porque estão para

¹⁶⁴ Gal. I, 10

¹⁶⁵ Rom. XII, 9

¹⁶⁶ Mt. V, 44

¹⁶⁷ Jo. II, 14-16

¹⁶⁸ Cant. VI, 10

¹⁶⁹ De Laude novae Militiae, IV, SI. CXXXVIII, 21

sempre excluídos do combate cavaleiresco a mentira, a denúncia, a fraude e a hipocrisia. Mas que o procedimento dos Cavaleiros force mais à admiração dos seus adversários pelo desinteresse, a lealdade, a paciência e a intrepidez. É então que eles se assemelharão a Cristo Rei e a seus Anjos.

Enfim, atingirão a perfeição do espírito da cavalaria se evitarem defender-se dos ataques dirigidos só contra eles, e se estão sempre e em todo o lugar animados de um grande amor pela paz, a exemplo de Joana d'Arc, modelo dos Cavaleiros.

Estas regras de combate valem não somente na defesa da Fé e da civilização, mas em toda a guerra justa.

CAPÍTULO XIX

DO DEVER DE ENTREAJUDA E DE HOSPITALIDADE

1. Os Cavaleiros têm o dever de se entreajudar em todas as circunstâncias da vida e por todos os meios em seu poder. Se um deles está sem dinheiro ou sem casa, ou sem trabalho, ou na prisão, ou perseguido por alguma razão ilegítima, todos devem esforçar-se por dar remédio à situação. Do mesmo, se um freire está em viagem, a casa de cada um ser-lhe-á aberta na medida do possível todo o tempo que for necessário.
2. Conforme a tradição cavaleiresca, a Ordem organizará e manterá uma ou várias obras hospitalares, particularmente a favor dos prisioneiros e de todos os que sofrem os males de uma sociedade pecadora e separada de Deus.
3. Esta caridade fraterna estender-se-á a todos os homens segundo a venerável tradição em uso nos tempos de fé; e para que se ouça dizer no dia do julgamento: *Vinde abençoados de meu Pai... porque tive fome e vós me destes de comer; tive sede e destes-me de beber; estava sem morada e vós me recolhestes; estava nu e me vestistes-me; estava doente e visitastes-me; estava preso e viestes até Mim...*¹⁷⁰

¹⁷⁰ Mt. XXV, 34-36

CAPÍTULO XX

DO SERVIÇO DAS PARÓQUIAS

1. Os freires devem concorrer para o desenvolvimento da sua paróquia com uma grande generosidade, participando nas suas actividades tanto litúrgicas como apostólicas e caritativas¹⁷¹.

Verão com efeito, na paróquia a própria Igreja, e na sai própria dedicação uma realização concreta do primeiro dos fins da Ordem SERVIR A FÉ.

2. Oferecerão pois os seus serviços ao pároco e poderão mesmo pertencer a toda a associação paroquial se isso lhe parecer útil e oportuno.

3. Trabalharão com gosto por inspirar aos cristãos que os rodeiam um ardente amor pela Bem-aventurada Virgem Maria. Esforçar-se-ão também por fazer nascer ou desenvolver neles o sentido do sagrado e da hierarquia uma fidelidade amante e indefectível para com a Santa Igreja, o seu chefe o Soberano Pontífice e os Bispos, o gosto da Sagrada Escritura e da autêntica Liturgia vivida, sem desprezo algum pelas devoções privadas e aprovadas pela Autoridade eclesiástica, nomeadamente o culto das santas imagens, dos objectos benzidos, círios; enfim, o espírito de caridade fraterna pela qual se reconhecem os verdadeiros discípulos de Cristo¹⁷².

O seu apostolado tenderá sempre a levar os seus irmãos até às origens tradicionais da vida espiritual, que formaram com a alma cristã das épocas de fé, toda a civilização que os cavaleiros têm que defender e promover.

¹⁷¹ Vaticano II, Apost. dos Leigos, n. 10

¹⁷² Jo. XIII, 35

CAPÍTULO XXI

DA ADESÃO DOS CAVALEIROS

A MOVIMENTOS DIVERSOS

1. Ao lado das actividades comuns da Ordem, a regra deixa claro aos Cavaleiros a iniciativa das suas actividades privadas, isto é, para além do dever de estado que prima sobretudo o resto, podem colaborar em todo o empreendimento que lhes inspire o seu zelo e a sua dedicação à Igreja e ao próximo. Bem entendido, estas actividades devem ser cumpridas no espírito da Ordem segundo o Código de Honra.

Que se lembrem sempre destes dois princípios:

- *És Cavaleiro de Nossa Senhora, antes de tudo, em tudo, sempre e em todo o lado;*

- *É primeiro sempre no seio da Ordem que se é Cavaleiro.*

2. Se um irmão vê que deve pertencer a um qualquer outro movimento, fá-lo-á com assentimento do Comendador. Do mesmo, antes de aceitar uma responsabilidade importante no domínio apostólico ou social, considerará honra solicitar a sua autorização. Levará a esse movimento ou a essa actividade todos os recursos espirituais e intelectuais que a Ordem lhe fornece, sem temer para a Ordem um detrimento qualquer, porque diz S. Bento: *Em todo o lugar servimos o mesmo mestre e militamos debaixo das ordens de um mesmo Rei*¹⁷³, e a Ordem está acima do êxito temporal assim como do inêxito, pois está escrito: *tudo o que nasceu de Deus traz a vitória sobre o mundo; e a vitória que venceu o mundo é a nossa fé*¹⁷⁴. E S. Paulo diz também: *tudo concorre para o bem daqueles que amam a Deus*¹⁷⁵.

3. Os Cavaleiros de santa Maria podem pertencer aos Movimentos da Acção Católica ou a qualquer outro grupo similar cujo fim seja apostólico ou caritativo, assim como as confrarias de piedade.

4. Do mesmo modo em relação com os movimentos sociais que seguem a doutrina da Igreja, mesmo se não são oficialmente e nomeadamente católicos.

5. Quanto aos movimentos ou manifestações políticas, os cavaleiros compreenderão facilmente que a Ordem se situa num plano diferente, e que o seu combate não saberia abaixar-se até tornar-se uma luta de partidos. Todavia, poderão individualmente dar a sua adesão a um movimento cuja doutrina e método estejam em conformidade com o ensino dos Papas e os princípios da Ordem, e isto em vista de servir o Bem comum e de defender a Fé e a Igreja, pelo menos indirectamente.

¹⁷³ Regra, ch. 61

¹⁷⁴ I Jo. V, 4

¹⁷⁵ Rom. VIII, 28

Mostrar-se-ão dispostos a retirar-se desse movimento a pedido motivado do prior ou do comendador. Estes, ouvirão o parecer do seu capítulo se isso parecer oportuno, e o Mestre decidirá os casos litigiosos.

6. Em todo o caso, pertencer a partidos, associações, sociedades ou movimentos reprovados pela Igreja é proibido.

7. Os Cavaleiros não poderão pertencer a uma outra Ordem de Cavalaria sem uma autorização expressa do Mestre.

8. Também não podem entrar numa Ordem Terceira a partir da sua recepção na Ordem de Santa Maria, mas podem ser oblatos de uma abadia.

Que os Cavaleiros de Santa Maria cumpram em todo o lado a sua missão, esclarecidos pela luz de Maria, conduzidos por seu espírito, sustentados pelo seu braço e guardados sob a sua protecção, de modo que eles combaterão com uma mão e edificarão com outra¹⁷⁶.

AMEN!

EXPLICIT REGULA MILITUM

¹⁷⁶ S. Luis M. GRIGNION de MONTFORT, Tratado 48 – cf. II Esdras IV, 11 (Vulg. IV, 17)

INDICE

I – O ESPÍRITO DA ORDEM

Prólogo		5
Capítulo I	Dos fins da Ordem de Nossa Senhora	9
Capítulo II	Do estado das pessoas e da hierarquia na Ordem	13
Capítulo III	Como deve ser o cavaleiro de Nossa Senhora	20
Capítulo IV	Do serviço de Nossa Senhora	24
Capítulo V	Da obediência	26
Capítulo VI	Da correcção fraterna	29
Capítulo VII	Da penitência	30

II – OBSERVAÇÕES LITÚRGICAS E ESPIRITUAIS

Capítulo VIII	Das festas da Ordem	32
Capítulo IX	Da Santa Missa	34
Capítulo X	Das horas de Nossa Senhora	35
Capítulo XI	Da oração	37
Capítulo XII	Da leitura espiritual	38
Capítulo XIII	Do rosário, da coroa angélica e do Angelus	40
Capítulo XIV	De delicadeza de que é preciso rodear a Santa Mãe de Deus	42

III – OUTRAS OBSERVAÇÕES

Capítulo XV	Da assistência aos capítulos	43
Capítulo XVI	Dos trabalhos do corpo e do espírito	45
Capítulo XVII	Da vida familiar dos cavaleiros	46
Capítulo XVIII	Dos deveres dos cavaleiros para com o próximo	48
Capítulo XIX	Do dever de entre ajuda e da hospitalidade	51
Capítulo XX	Do serviço das paróquias	52
Capítulo XXI	Da adesão dos cavaleiros a movimentos diversos	53